

VALDEMIR BEZERRA DA SILVA

**TRILOGIA ANALÍTICA OU PSICANÁLISE INTEGRAL:
O NOVO PARADIGMA CIENTÍFICO DO SÉCULO XXI**

SÃO PAULO

2013

VALDEMIR BEZERRA DA SILVA

**PSICANÁLISE INTEGRAL OU TRILOGIA ANALÍTICA:
O NOVO PARADIGMA CIENTÍFICO DO SÉCULO XXI**

Monografia apresentada como exigência para a conclusão do Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Gestão da Psico-Sócio-Patologia perante o INPG – Instituto Nacional de Pós-Graduação e a UNIKP – Universidade Livre Keppe e Pacheco, sob a orientação do Prof. Dr. Edivaldo Pereira Lima.

SÃO PAULO

2013

FOLHA DE APROVAÇÃO**INPG – INSTITUTO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO****UNIKP – UNIVERSIDADE LIVRE KEPPE E PACHECO****PSICANÁLISE INTEGRAL OU TRILOGIA ANALÍTICA:****O NOVO PARADIGMA CIENTÍFICO DO SÉCULO XXI**

Monografia apresentada pelo aluno **Valdemir Bezerra da Silva** ao Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Gestão da Psico-Sócio-Patologia.

Orientador: Prof. Dr. Edivaldo Pereira Lima

Aprovada com a nota: _____

SÃO PAULO**2013**

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso:

A Deus por tudo que tem me ofertado na vida;

A Jesus pelos exemplos de amor, sabedoria e humildade a serem seguidos;

Ao Espírito Santo por iluminar minha mente em todos os momentos;

Aos meus amados pais: Fernando Bezerra da Silva e Maria Figueiredo da Silva;

A minha querida e amada esposa: Sirlei Marinho Paulino;

Aos meus amigos, professores e alunos da Escola de Línguas Millennium;

Aos meus amigos, professores e alunos do Instituto Keppe & Pacheco;

Aos meus amigos, professores e alunos da Fundação Bradesco;

Aos meus amigos, professores e alunos da Centro Universitário FIEO;

À Dr^a. Selma Genzani pelas inúmeras palavras conscientizadoras;

À Dr^a. Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco pela incansável dedicação ao trabalho da Psicanálise Integral;

Ao Dr. Norberto Rocha Keppe, homem de admirável sabedoria e gênio científico, pela dedicação e amor à Verdade, à Beleza e à Bondade e, sobretudo, pelas grandes contribuições que seu trabalho tem trazido para a humanidade;

Aos que se esforçam para realizar os sonhos de Deus no mundo;

A você, caro leitor, pela atenção e respeito gentilmente devotados.

AGRADECIMENTO

Ao Prof. Dr. João Leo Pinto Lima pelas sugestões e dicas que contribuíram de maneira significativa para o meu aprofundamento sobre a Psicanálise Integral.

Ao Prof. Mestre Ricardo Alves de Lima pelas orientações metodológicas que aprimoraram a estética deste trabalho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Edivaldo Pereira Lima pelas aulas amavelmente ministradas.

À Prof.^a Eunice pela dedicação devotada aos alunos durante todo o curso.

Sinceramente, meu muito obrigado a todos que me ajudaram e contribuíram de maneira muito especial para que mais um de meus sonhos pudesse tornar-se realidade.

O que se vem notando é que a ciência, filosofia, ou teologia separadas criam um ambiente de intransigência e censura, que as leva para uma rápida decadência (Keppe, 1999, p.5).

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar ao leitor os principais conceitos teóricos que tornam a Psicanálise Integral ou Trilogia Analítica o novo paradigma do século XXI. E tem como fundamentação teórica os livros escritos pelos seguintes autores: Norberto Rocha Keppe e Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco. Esses psicanalistas apontam, em seus trabalhos, que a teologia, a filosofia e a ciência unificadas são as três grandes ciências que norteiam a vida do ser humano. Entretanto, devido à separação desses campos de conhecimento, o ser humano passou a compreender os fenômenos de maneira fragmentada e dogmática, estancando o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, causando-lhes muitos prejuízos. Assim, esse trabalho de conclusão de curso parte da hipótese defendida por esses mesmos autores sobre a necessidade de reconhecer a interdependência que já existe entre essas ciências, a fim de que o ser humano, a sociedade e o meio ambiente sejam tratados de forma integral. Além disso, tem como objetivo apresentar ao leitor os principais conceitos teóricos que fundamentam esse novo paradigma. Para tanto, foi feita uma pesquisa bibliográfica, cujas informações coletadas foram interpretadas qualitativamente, de modo que é possível apontar as seguintes inferências: 1) desde priscas eras o ser humano tem adotado paradigmas que o impedem de vislumbrar a realidade de maneira coerente, 2) Norberto Rocha Keppe foi o primeiro cientista a reconhecer a união que existe entre a teologia, a filosofia e a ciência, 3) o ser humano vive uma existência anormal, porque vive conforme suas emoções e ideias delirantes, 4) toda enfermidade do ser humano provem das atitudes de negar, omitir e deturpar a realidade a partir da inveja, censura e projeção, 5) a cura das enfermidades está na aceitação da consciência de que o bem e o mal já estão no interior do ser humano, 6) a concepção de ser, a dialética keppeana e a interiorização, são conceitos que se complementam e fundamentam o processo de cura das enfermidades, 7) a aceitação da consciência de que todo ser humano é responsável por tudo que vive é o caminho para a cura das enfermidades psíquicas, orgânicas e sociais.

Palavras chave: Psicanálise Integral. Trilogia Analítica. Paradigma.

ABSTRACT

This work intends to introduce the reader into the main theoretical concepts that make Integral Psychoanalysis or Analytical Trilogy the new paradigm of the twenty first century. It is fully based on the books written by the following authors: Norberto da Rocha Keppe and Cláudia Bernhardt Pacheco. These psychoanalysts show in their works that theology, philosophy and science all together comprise the three fundamental fields of knowledge that guide human experience and development. However, due to the separation of these fields, humanity began to break down its understanding about the phenomena in a dogmatic way, which has led both the individuals and society to stop development and cause their own harm. This course conclusion study was based on the same hypothesis of these authors who defend the need to recognize the interdependence already existing between these three fields in order for the human being, the society and the environment to be treated in an integral way. In addition, this work also intends to introduce the reader into the fundamental theoretical concepts that underline this new paradigm. For this purpose, a bibliographic research was carried out and the collected information was qualitatively interpreted in such way that it is possible to outstand the following inferences: 1) since the dawn of civilization the human being has been adopting different paradigms that keep him from understanding reality in a coherent way, 2) Norberto da Rocha Keppe was the first scientist to recognize the preexisting unification between theology, philosophy and science, 3) the human being lives an abnormal existence because he behaves according to his delirious emotions and ideas, 4) all human diseases derive from attitudes of denying, omitting and distorting reality out of envy, censorship and projection, 5) the healing of diseases depends on the acceptance of the consciousness that good and evil resides inside the human being, 6) the notion of being, as well as the Keppean dialectics and the process of interiorization are all fundamental and complimentary concepts for the healing process of infirmities, 7) the acceptance of the consciousness that human beings are responsible for whatever happens to their lives is the path for the cure of psychological, organic and social illnesses.

Key words: Integral Psychoanalysis. Analytical Trilogy. Paradigm.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	PSICANÁLISE INTEGRAL: O PARADIGMA CIENTÍFICO DO SÉCULO XXI	11
1.1	NORBERTO KEPPE: O CIENTISTA TRILÓGICO	18
1.2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
1.2.1	VISÃO DE MUNDO: O PARAÍSO PERDIDO	24
1.2.2	VISÃO DE HOMEM: A SUPREMA CRIAÇÃO DIVINA	26
1.2.3	A TEOMANIA: A ORIGEM DA QUEDA DO PARAÍSO	30
1.2.4	A INVERSÃO PSÍQUICA: O PRAZER NO MAL	32
1.2.5	A INCONSCIENTIZAÇÃO: A FUGA DA VERDADE	34
1.2.6	A FANTASIA: UM DELÍRIO IMPOSSÍVEL	36
2	A ORIGEM DAS ENFERMIDADES	38
2.1	A INVEJA UNIVERSAL: A ORIGEM DO MAL	38
2.2	A CENSURA: O PROBLEMA FUNDAMENTAL	40
2.3	A PROJEÇÃO: A FONTE DOS DELÍRIOS.....	41
3	O TRATAMENTO TERAPÊUTICO	44
3.1	O SER: O RETORNO AO PARAÍSO PERDIDO	44
3.2	A DIALÉTICA KEPPEANA: O DIÁLOGO COM A VERDADE	46
3.3	A INTERIORIZAÇÃO: O ENCONTRO COM A VERDADE	49
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar ao leitor os fundamentos teóricos da Psicanálise Integral, que tornam esta ciência o novo paradigma do século XXI. Meu interesse por este tema surgiu desde o momento em que conheci esta escola de pensamento e descobri a união que existe entre teologia, filosofia e ciência.

Diante dessa constatação, decidi aprofundar meus conhecimentos sobre esse assunto, a fim de entender melhor essa ciência que traz uma nova luz para iluminar e desfazer as trevas que impedem a humanidade de progredir, porque revela uma nova visão sobre o mundo, o ser humano, a origem e a cura das enfermidades psíquicas, orgânicas e sociais.

Portanto, tomado por uma sede de saber e, com o intuito de apresentar ao leitor os principais conceitos teóricos que fundamentam esse novo paradigma científico que trata o ser humano a partir de uma visão integral, foi necessário realizar uma pesquisa teórica fundamentada nos livros escritos por Norberto Rocha Keppe, criador da Psicanálise Integral ou Trilogia Analítica, e por Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco, vice-presidente da Sociedade Internacional de Trilogia Analítica. O resultado dessa pesquisa constitui a essência deste trabalho, conforme apresento nos capítulos que seguem, a saber:

No primeiro capítulo, com o intuito de facilitar a compreensão do leitor sobre as mudanças de paradigmas científicos, retomo, de forma breve, os principais conceitos teóricos que, por séculos, nortearam o rumo tomado pela ciência desde os antigos filósofos até o paradigma keppeano. Além disso, apresento uma biografia sobre Norberto Rocha Keppe, bem como os caminhos que o auxiliaram no desenvolvimento da Psicanálise Integral. Por fim, também disserto sobre aspectos relevantes do trabalho desse psicanalista, por exemplo: visão de mundo, visão de homem; teomania, inversão psíquica; inconscientização, e fantasia.

No segundo capítulo, de maneira didática, exponho ao leitor a origem das enfermidades psíquicas, orgânicas e sociais que se encontra no trio patológico formado pela: inveja, censura e projeção.

No terceiro capítulo, apresento ao leitor a concepção de ser, a dialética keppeana e a interiorização, com o intuito de esclarecer a metodologia empregada por Keppe para a obtenção da cura das doenças psíquicas, orgânicas e sociais.

Finalmente, nas considerações finais, retomo, em síntese, o que foi abordado em cada capítulo, revelando o que pude compreender e abstrair no decorrer da elaboração desta pesquisa bibliográfica.

1. PSICANÁLISE INTEGRAL: O NOVO PARADIGMA CIENTÍFICO DO SÉCULO XXI

As palavras dos sábios são como agulhões, e como pregos, bem fixados pelos mestres das assembleias, que nos foram dadas pelo único Pastor (Eclesiastes 12:11).

O conhecimento científico é fruto de um processo histórico que, ao longo dos séculos, passou por grandes mudanças paradigmáticas, por exemplo, na Grécia Antiga, durante o período homérico que conta do século XII ao século VIII a.C., o homem, por meio de inspirações reveladas por deuses explicava os fenômenos da natureza, pois, de acordo com Andery (2002):

A relação homem-deuses – estabelecidas tanto por Homero como por Hesíodo – tem um duplo caráter. De um lado, valorizava o homem, na medida que em que humanizava os deuses que tinham forma e sentimentos humanos e na medida em que a ele cabiam as ações que possibilitavam o desenvolvimento pleno de suas virtudes. De outro lado, estabelecia um dependência dos homens em relação aos deuses, que eram vistos como imortais e com poderes para interferir nas vidas humanas. Se isso submetia, de uma certa forma, o homem às divindades, também dava significado à vida humana que passava a ser vista como tendo uma certa razão de ser (ANDERY, 2002, p. 29).

Neste período, a visão mitológica era suficiente para entender e explicar os fenômenos da natureza. De certa forma, segundo Andery (2002), Hesíodo e Homero ao aproximar os deuses dos homens pretendem através dessa aproximação tornar a vida terrena mais racional e compreensível. Esses dois autores foram os primeiros a estabelecer suas bases para compreender o mundo real e o mundo sobrenatural.

Com o passar dos anos os mitos já não conseguiam explicar o mundo, por isso, particularmente, na Grécia Antiga, desde o período arcaico (VII ao século VI a.C.), o período clássico (V ao século IV a.C.) e o período helenístico (IV ao século VI a.C.) a natureza passou a ser interpretada através de uma nova abordagem marcada pela busca da verdade através da razão, como ressalta Andery (2002):

O conhecimento racional opõe-se ao mítico, pois é um conhecimento sobre o qual se problematiza e não simplesmente se crê; um conhecimento no qual a explicação é demonstrada por meio da discussão, da exposição clara de argumentos e não apenas relatada, revelada oralmente, não é mero fruto de um sentimento coletivo. Um conhecimento em que busca explicar e não encontrar modelos exemplares da realidade; um conhecimento que possibilita um movimento crítico, que possibilita sua superação e a dos mitos, e não se propõe como acabado, fechado, capaz apenas de ser sucedido por um conhecimento igual (como o mito é sucedido por outros mitos); um conhecimento em que as explicações deixam de ser frutos da ação de seres sobrenaturais e divinos, que agem a despeito do próprio homem para se tornarem explicações baseadas em mecanismos imanentes à natureza ou ao próprio homem sua ação sobre a natureza, ou ainda às relações que se estabelecem entre os homens, explicações que possibilitam ao homem participar ativamente no governo de seu destino (ANDERY, 2002, p. 21).

No que se refere à produção do conhecimento desse período, três pensadores merecem destaque, a saber: Sócrates, Platão e Aristóteles. As contribuições desses filósofos não se restringiram apenas àquela época, pelo contrário, as idéias deles são os pilares da Filosofia e da Ciência Moderna.

Esses pensadores, diferentemente dos jônicos que se atentavam à natureza física, tinham como centro de suas observações o homem, porque acreditavam na sua capacidade de produzir conhecimento e que era dotado de alma. Cada um deles tinha uma compreensão própria a respeito de como o homem produz o conhecimento.

De certa maneira, acreditavam que mediante a produção do conhecimento das verdades, através do conhecimento objetivo, seria possível formar os cidadãos e transformar a cidade de modo que fosse melhor e mais justa.

Enfim, o conhecimento, para esses filósofos, tinha uma função social, por isso fundaram suas escolas. Aliás, foi a partir desses pensadores que a formação dos cidadãos passou a ser considerada como fundamental para a transformação da sociedade.

Na Idade Média, o paradigma foi estabelecido sob a égide de um conhecimento que estava sujeito à fé e à crença. Durante esse período, o ser humano era entendido como uma criatura de Deus. A Igreja Católica detinha o saber e por isso tinha em mãos o monopólio da cultura. Em outras palavras, segundo Andery (2002), houve o predomínio da fé sobre todas as coisas, pois:

A fonte das doutrinas, comuns aos pensadores da época, era a Bíblia. No trabalho de justificar tais doutrinas, utilizavam-se os conhecimentos (explicações, concepções e procedimentos metodológicos) advindos da cultura grega. O pensamento de Platão, nos neoplatônicos, assim como de Aristóteles (boa parte via tradução dos árabes), foi retomado e adaptado de forma a poder conciliá-lo ao cristianismo. No pensamento medieval, a influência da filosofia platônica se fez sentir com maior intensidade durante o período denominado Alta Idade Média (século V ao X); Santo Agostinho é um dos exemplos dessa influência. A recuperação do trabalho de Aristóteles pelos árabes, a partir do século XI, possibilitou aos pensadores medievais ocidentais o contato com sua obra, na qual passaram a se pautar para o desenvolvimento do conhecimento; Santo Tomás de Aquino pode ser citado como exemplo disso (ANDERY et al., 2002, p. 144).

Com o fim do feudalismo surgiu uma nova concepção de mundo que substituiu a visão de mundo imposta pela Igreja Católica. Nesta ocasião, a visão teocêntrica estabelecida pela relação Deus-homem foi substituída pelas relações homem-natureza. Nesta nova visão o homem passou a ser a preocupação central, e o teocentrismo foi substituído pelo antropocentrismo.

Esse período historicamente ficou conhecido como Renascimento e foi marcado principalmente pelas idéias de Nicolau Copérnico (1473-1543) e Galileu Galilei (1564-1642). Durante esta fase, houve um grande avanço na ciência. O primeiro trouxe à tona uma discussão que mexeu completamente com as bases do conhecimento proposto pela Igreja, que defendia a idéia de que o mundo era o centro do universo, conforme Braga, Guerra e Reis (2004) advogam:

O sistema copernicano impunha mudanças significativas na máquina do Universo. O movimento dos astros deixava de estar ligado ao primeiro motor aristotélico, situado além da esfera das estrelas fixas, e passava a depender da distância dos planetas com relação ao Sol. Fora isso, ao colocar a Terra longe do centro do Universo, apenas como um simples planeta, Copérnico impunha uma revisão na física aristotélica. Os corpos pesados continuavam caindo em direção à Terra. Mas esta não estava mais no centro. Era preciso, então, para aceitar o sistema copernicano,

admitir que a Terra era o centro de sua própria gravidade, uma vez que a queda dos corpos não se dava mais para o centro do Universo, agora ocupado pelo Sol (BRAGA, GUERRA e REIS, 2004, p. 72).

No entanto, tal ousadia custou-lhe a vida. Galileu, por sua vez, propôs um método científico para fazer ciência. A partir desse momento, a ciência adotou uma abordagem empírica baseada numa descrição matemática da natureza. Isto é, a Ciência passou a se restringir aos elementos mensuráveis.

Galileu tornou-se o criador da física moderna, quando enunciou as leis fundamentais do movimento; foi também um dos maiores astrônomos de todos os tempos, pelas observações pioneiras que fez com o telescópio. Essas descobertas, contudo, foram resultado de uma nova maneira de abordar os fenômenos da natureza e nisso reside sua importância dentro da história da filosofia. No campo das idéias filosóficas, Galileu é mais importante pelas contribuições que fez ao método científico do que propriamente pelas revelações físicas e astronômicas encontradas em suas obras (GALILEU, 1999, p. 7).

Em suma, as contribuições desses dois autores propuseram novos caminhos para se alcançar a verdade através de dados sensíveis e da experiência.

É a partir de Copérnico e Galileu que pensadores, como: Bacon, Descartes, Hobbes, Locke e Newton passaram a focalizar suas atenções às relações do homem com a natureza, contrapondo-se às preocupações das relações estabelecidas entre Deus e o homem que vigoraram durante a Idade Média.

Francis Bacon (1561-1626) passou grande parte de sua vida refletindo sobre o conhecimento e qual a melhor forma de colocá-lo a serviço do homem. De acordo com esse filósofo, era necessário existir um método que possibilitasse a construção de um conhecimento correto dos fenômenos, visto que as noções falsas impediam que o homem alcançasse a verdade. Para esse autor o avanço das ciências dar-se-ia através de inúmeras experiências ordenadas, das quais seriam retirados os axiomas a partir dos quais seriam propostos novos experimentos, pois, segundo Andery (2002): “Bacon entendia que o bem-estar do homem dependia do controle científico obtido por ele sobre a natureza, o que levaria à facilitação da sua vida. Assim, julgava imprescindível o domínio do homem sobre a natureza, a partir do conhecimento de suas leis” (ANDERY et al., 2002, p. 194).

René Descartes (1596-1650) trouxe grandes contribuições para a construção do paradigma científico que caracterizou a Idade Moderna ao criar um padrão de racionalidade centrado na Matemática. Para esse autor, a natureza para ser compreendida ela deveria ser reduzida a partes mensuráveis e observáveis. O ponto principal do pensamento dele é a concepção de que os fenômenos podem ser analisados e compreendidos se forem reduzidos às partes que o compõem. Ele acreditava que ao conhecer uma parte de um sistema era possível chegar ao conhecimento do funcionamento do todo, conforme assevera Rezende (1992):

A partir de Descartes (e de Galileu), as *matemáticas* passaram a constituir o *modelo* e a *linguagem* de todo conhecimento científico: substituem a *qualidade* sentida medida. O conhecimento permite que nos tornemos “mestres e possuidores da natureza”. Compete ao homem *modelar e dominar* o mundo: “Saber é Poder”, já dizia Francis Bacon. Nada há na natureza que não seja quantitativo. A matemática é aplicável à totalidade do real. Eis o postulado do *racionalismo*, reduzindo a quase nada o papel da experiência sensível e subordinando o objeto à Razão. Sendo assim, é proclamada a independência da *Subjetividade*, cujo primeiro ato do conhecimento é a *Reflexão*, a consciência de si mesmo reflexiva: a consciência toma consciência de si mesma como *Sujeito* e como *Objeto* de conhecimento (REZENDE, 1992, p. 94).

Praticamente a partir de Descartes o universo material e os seres vivos são comparados a uma máquina com engrenagens cujo funcionamento é regido por leis matemáticas. Conforme Capra (1982), é sob este mesmo prisma que Descartes separa a alma do corpo e dá primazia à mente:

Segundo Descartes, mente e corpo pertenciam a dois domínios paralelos, mas fundamentalmente diferentes, cada um dos quais podia ser estudado sem referência ao outro. O corpo era governado por leis mecânicas, mas a mente – ou alma – era livre e imortal. A alma era clara e especificamente identificada com a consciência e podia afetar o corpo interagindo com ele através da glândula pineal do cérebro. As emoções humanas eram vistas como combinações de seis “paixões” elementares e descritas de um modo semimecânico. No que se refere ao conhecimento e à percepção, Descartes acreditava que o conhecimento era uma função primária da razão humana, isto é, da alma, tendo lugar independentemente do cérebro. A clareza de conceitos, que desempenharam um papel importante na filosofia e na ciência de Descartes, não podia ser derivada do confuso desempenho dos sentidos, mas era o resultado de uma disposição cognitiva inata. Aprendizagem e experiência propiciavam meramente as ocasiões para a manifestação de idéias inatas (CAPRA, 1982, p. 158).

Thomas Hobbes (1588 – 1679) acreditava que todos os seres eram corporais e que o corpo era sujeito de toda ação e que todo corpo existia sempre em movimento. Sobre o conhecimento, esse filósofo acreditava que era produzido pelo homem através da sensação, da imaginação e do entendimento. De acordo com Vergez e Huisman (1984):

Hobbes é um empirista inglês e nele encontramos os temas fundamentais que serão sempre os da escola. A origem de todo conhecimento é a sensação, princípio original do conhecimento dos próprios princípios: a imaginação é um agrupamento inédito de fragmentos de sensação e a memória nada mais é do que o reflexo de antigas sensações (VERGEZ; HUISMAN, 1984, p. 216).

Jonh Locke (1632 – 1704) afirmava em suas proposições que nossas idéias eram formadas no espírito e que não eram inatas. Para esse filósofo, as idéias eram obtidas através de experiências, portanto, para esse autor, as experiências eram a base do conhecimento. Além disso, asseguram Vergez e Huisman (1984) que:

Também não devemos confundir o empirismo de Locke com um sensualismo. Para ele, todas as nossas idéias provêm da experiência, mas nem todas provêm dos sentidos. Existem, para Locke, duas fontes de conhecimento: a sensação nos faz conhecer os objetos exteriores, mas a reflexão nos revela as operações de nossa alma por intermédio do sentido interno. Por conseguinte, a reflexão é uma experiência original, a experiência de nossa atividade mental. Em termos estritos, portanto, não podemos dizer que para Locke nosso espírito, no ato de conhecer, seja absolutamente passivo (VERGEZ; HUISMAN, 1984, p. 219).

Isaac Newton (1642-1727) contribuiu para o avanço do conhecimento científico com suas descobertas nos campos da Física, da Matemática e da Astronomia que tiveram amplas repercussões no início do século XVIII, por isso Andery (2002) ressalta que “A maneira de Newton proceder para chegar às suas proposições poderia ser assim resumida: partir de fenômenos observáveis sem interpor hipóteses a não ser as que podem ser derivadas diretamente dos dados” (ANDERY et. al., 2002, p. 246).

Claro está, que durante o período newtoniano-cartesiano o paradigma científico estabelecido foi sustentado através da fragmentação e da visão dualista do universo. E, portanto, foi a partir dessa visão dualista que surgiram as múltiplas fragmentações, por exemplo: mundo material X espiritual; corpo X mente; objetivo X subjetivo; ciência X

religião. Enfim, foi a partir dos paradigmas desses dois autores que a Ciência Moderna se estabeleceu, apoiando-se numa lógica racionalista e ao mesmo tempo negando o sagrado e a subjetividade que também pertencem ao gênero humano.

Por outro lado, ao contrário da Ciência Moderna, Keppe (1927 – atual) propõe que a cada descoberta científica deve ter um correspondente filosófico e religioso. Logo esta relação harmoniosa entre esses três campos é a proposta básica da ciência trilógica. E nesse tripé (teologia, filosofia, ciência) a ciência é a base, porque a descoberta da realidade é o ponto de partida para a filosofia e para a teologia, reservando-se à ciência todo contato com a realidade que deve ser feito com o intelecto (filosofia) e o sentimento (teologia).

A filosofia trilógica acredita que o ser humano não esteja em contato com a essência das coisas, explica que isso ocorre devido à patologia. Entretanto, se esta for conscientizada pode se estabelecer um contato com a essência, principalmente através do sentimento. Portanto, a filosofia trilógica acredita que o ser humano esteja desconectado de sua essência, mas crê que não deva permanecer assim. Por vez, acredita ser a essência do homem a beleza, a bondade e a verdade, e, após atravessar a espessa névoa de obnubilação, o ser humano atinge a essência, que é, em última instância, um contato com Criador, por isso Keppe (2005) ressalta que:

O centro essencial da pessoa é formado pelo amor, pela razão e estética, mas devido aos fatores principalmente da teomania, megalomania e inveja, esse ponto central é reduzido e o homem passa mais a um estado de não-ser – e daí em diante começa a representar, criando uma existência fictícia. Qual é, por exemplo, a importância da economia para a essência humana? Qual o valor de um grande poder neste mundo, se não for usado para a felicidade de todos? Temos de admitir que o verdadeiro bem só poderia ser o definitivo. O homem faz uma representação do que é o não-ser, para tentar ser – o que o torna impossibilitado de viver a realidade (KEPPE, 2005, p. 16).

Em poucas palavras, o trabalho de Keppe visa à descoberta da ligação interna com Deus e a retomada dos valores essenciais, o que demonstra a esperança de um mundo melhor, onde o afeto e a felicidade possam ser vividos plenamente, através da conscientização dos aspectos patológicos individuais e sociais, daí a necessidade de se fazer uma pesquisa bibliográfica, com o intuito de conhecer os aspectos teóricos que fundamentam esse novo paradigma científico que, conforme Keppe (1999):

A teologia deveria mostrar as maravilhas de Deus, enquanto a filosofia, a beleza que o homem teria obrigação de ver, e a ciência a recusa que realizamos a tudo isso; se algum desses campos deixa de ver tais dificuldades é porque está falhando em seus objetivos. A ciência tem a função de corrigir ou mesmo de compreender o pensamento filosófico e o teológico; cada um desses setores teria a finalidade de esclarecer e ampliar os outros, como a única maneira de haver vida e desenvolvimento. Para que a fé não falhe é fundamental haver um raciocínio sã, que por sua vez depende da existência do fideísmo – quando um dos dois for negado o indivíduo se desequilibra. Se apenas a verdadeira fé e a razão não se opõem, como é possível intercambiar uma a outra se o indivíduo aceitar o desenvolvimento; esse é o único meio de haver um total crescimento científico (KEPPE, 1999, p.14).

Em síntese, neste capítulo, apresento ao leitor como no decorrer dos séculos a visão de mundo (paradigma), foi transformada ora apoiando-se no mito para explicar os fenômenos da natureza e as adversidades da existência humana, ora enfatizando apenas aspectos fideístas a partir de dogmas, ora sendo extremamente racionalista, ora abdicando da fé e da razão em prol da experiência, de modo que prevaleceu uma visão de mundo fragmentada, exigindo uma compreensão trológica de tudo que existe, visto que todos os paradigmas trazem fundos de verdade, entretanto, negam os outros campos da realidade humana, como foi demonstrado a partir do paradigma keppeano.

1.1 NORBERTO KEPPE: O CIENTISTA TRILÓGICO

Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte (Mateus 5:14).

De acordo com Mark André (1989), Noberto Rocha Keppe nasceu na cidade de São Carlos, em 20 de junho de 1927. Aos doze anos trabalhou como programador, sonorizador e discotecário na ZYA-6 Rádio São Carlos.

Terminados os estudos secundários, ingressou no Seminário Menor de São Carlos e, em seguida, no Seminário Maior de São Paulo. Durante esse período realizou o curso de Filosofia. Entretanto, o reitor Vicente Zioni convidou-o a retirar-se do seminário porque considerava suas idéias muito avançadas. Por este motivo ingressou na Ordem dos Padres Oblatos de Maria Imaculada, onde trabalhou por dois anos com o Father Edmund Leising.

No ano de 1952, ingressou na Faculdade de Pedagogia durante o período matutino e, à noite, Ciências Sociais (Serviço Social) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Foi nesta mesma época que trabalhou no Pronto Socorro do Hospital das Clínicas.

Em 1955, a convite do professor Enzo Azzi, ministrou aulas, à noite, no Curso de Serviço Social na Cadeira de Psicologia Experimental e Geral e Psicopedagogia Infantil.

Em 1956, exerceu a função de Técnico de Administração no Hospital das Clínicas e organizou um Setor de Recrutamento, Seleção, Adaptação e Aperfeiçoamento.

Em 1958, foi convidado pelo Professor Dr. Igor Caruso, criador do Círculo Vienense de Psicologia Profunda, a especializar-se em Psicoterapia e Psicanálise em Viena. Foi neste período que trabalhou e estudou por três anos na Universidade de Viena, na Policlínica do Professor Viktor E. Frankl, o criador da Logoterapia ou Análise Existencial.

Durante o período em que esteve em Viena, Keppe frequentou os grupos de estudo do Professor Hans Hoff, bem como a Child Guidance Clinic do Professor Knut Baumgärten e outros grupos psicanalíticos. Foi nesta mesma época em que escreveu o livro tese intitulado Psicanálise Integral.

Ao retornar ao Brasil, em 1961, implantou o Departamento de Medicina Psicossomática no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. Neste setor, onde atendeu clientes de várias clínicas, sempre teve muito êxito em seus trabalhos, o que o tornou conhecido no Brasil e no exterior.

No ano de 1970, fundou a Sociedade Internacional de Psicanálise Integral, hoje Sociedade Internacional de Trilogia Analítica. E foi nesta mesma década, por volta do ano de 1972, que ficou muito impressionado com o trabalho de Melanie Klein, que não se restringiu apenas à teoria sexual porque pesquisou também os sentimentos. Segundo Keppe, o livro Inveja e Gratidão, de Melanie Klein é um marco dentro da psicanálise. Tamanho foi o interesse por esse tema que passou a investigar a questão da inveja em seus pacientes.

A partir dessa pesquisa Keppe descobriu o sentido mais profundo da questão da inveja, pois, de acordo com o senso comum, a inveja é vista como um problema de cobiça, isto é, de querer possuir algo que não se tem e que pertence a outro. No entanto, para ele, a inveja é uma atitude de oposição ao que é bom, por exemplo, ao afeto, ao bem-estar, à alegria, à saúde etc. Por esta razão chamou este fenômeno de inveja universal, e como observou essa atitude principalmente nos doentes mentais mais graves, por exemplo: nos psicóticos, descobriu ser esta a atitude básica da problemática humana, porque desde pequeno o ser humano é invejoso.

Keppe também se inspirou no psicanalista inglês Wilfred Bion, principalmente nas experiências de psicoterapias de grupo, isto lhe possibilitou chegar ao seu próprio método, em que ao invés do indivíduo falar de si mesmo, como nas psicoterapias tradicionais, o grupo fala do indivíduo. Desta maneira, havia chegado a uma dinâmica própria de grupo, mantendo-a inalterada até os dias atuais.

Em 1977, realizou a descoberta que se tornou o marco de seu trabalho científico, pois, em suas pesquisas, descobriu que o ser humano e a sociedade invertem todos os valores, vêem o mal no bem; o ódio no amor; a felicidade na destruição etc; por esta razão chamou tal fenômeno de inversão.

O conceito de inversão foi publicado pela primeira vez em 1978 no livro *A Consciência*. A descoberta da inversão foi o ponto de partida para as demais descobertas e a metodologia da Psicanálise Integral. Ao detectar a inversão tornou-se possível descobrir a causa dos males humanos e sociais, isto é, penetrar num nível mais profundo do ser, chamado por Schopenhauer de vontade, que lhe era má, e por Freud de inconsciente.

Entretanto, para Keppe haveria um terceiro nível mais profundo, em que existiria o bem, o belo e a verdade, que pela inversão eram negados, alterados e deturpados pelo próprio ser humano. Desta maneira, contrariando a orientação dos dois autores anteriores, ele não acreditava que o nível mais profundo da personalidade humana fosse o mal e a patologia. Portanto, o aprofundamento no conhecimento do ser humano e da sociedade deve passar pela conscientização do mal ou da patologia, para se atingir a verdadeira base de tudo: o bem, o belo e a verdade.

Para Keppe, não haveria um inconsciente como instância básica do ser humano, pelo contrário, há uma atitude de inconscientização. Com isso, descobriu que o mal ou a patologia não pertenceriam à essência humana, mas seria uma atitude de oposição à realidade e a esta própria essência. Esta constatação foi publicada na obra mais importante da Psicanálise Integral: A Libertação, em que a patologia (termo científico), ou erro (termo filosófico), ou o pecado (termo religioso) foram definidos como atitude de omissão, deturpação ou negação da realidade.

As descobertas de Keppe foram realizadas a partir de seu trabalho científico-psicoanalítico de atendimento de clientes. Estas descobertas, coincidentemente, vão ao encontro ao que alguns pensadores perceberam, por exemplo: Taciano, filósofo do séc. II d.C. escreveu que o mal não tem existência própria, mas só existe como negação do bem. Keppe, por sua vez, constatou que o mal só existe enquanto o ser humano estiver numa atitude de destruição do bem. Isso confirma as descobertas de Keppe sobre a essência sã do ser humano e a origem da patologia na omissão, negação e deturpação da realidade.

Após esta descoberta, Keppe reescreveu quatro vezes o livro A Libertação, com o intuito de eliminar todos os conceitos invertidos da obra. Durante essas revisões, acrescentou novos conceitos filosóficos e principalmente científicos. Desta forma, abandonou todas as teorias e começou a observar o paciente. Isto é, ao invés de impor teorias, procurou ouvir os pacientes para chegar à etiologia da problemática humana.

Afinal, se era fácil diagnosticar o quadro do paciente, seja na depressão, na postura esquizo-paranóide ou em outros aspectos da atitude, era difícil descobrir a origem única de todos os males.

Em suas pesquisas, Keppe descobriu que tanto os depressivos têm a agressividade voltada contra si, como os esquizos-paranóides têm a agressividade voltada para o meio ambiente, ambos são muito arrogantes. Notou que quanto mais arrogante era o indivíduo, mais doente mental se mostrava. Por conseguinte, estava se esboçando a descoberta da etiologia das neuroses, que foi chamada por ele de teomania, que é o desejo do homem de ser um deus, ou melhor, de não se aceitar como ser humano.

Esta atitude é facilmente observável nos sanatórios psiquiátricos, onde os doentes mentais se identificam com grandes personagens históricos: Napoleão, Jesus Cristo, César etc. O doente mental serve para ilustrar os problemas básicos que todas as pessoas têm. Logo, a etiologia de toda a problemática humana está nessa atitude de se colocar acima da realidade, como se fosse um novo deus.

Sem exceção, todas as primeiras descobertas de Keppe foram escritas no livro *A Glorificação*, obra que transmitiu uma concepção mais realista de Deus. De certa forma, demonstrou que Deus e Ciência não são assuntos antagônicos, mas interligados. Além disso, revela que o homem vive alienado, devido a uma espessa camada de problemas psicológicos e sociais que formam a pseudo-realidade, encobrindo a original que é boa, bela e verdadeira.

Ao contrário da ciência positivista de Auguste Comte, que considerou superadas a filosofia e a religião, e a ciência auto-suficiente, Keppe propõe que a cada descoberta científica deveria ter um correspondente filosófico e religioso. Logo esta relação harmoniosa entre esses três campos é a proposta básica da ciência trológica.

E nesse tripé (teologia, filosofia, ciência) a teologia seria a base, porque a revelação da realidade pelos universais da mente é o ponto de partida para a filosofia e para a ciência, reservando-se à ciência a comprovação da realidade.

A filosofia trológica acredita que o ser humano perde o contato com a essência das coisas, devido à patologia, entretanto se esta for conscientizada pode restabelecer um contato com a essência, principalmente através do sentimento.

Para esse autor, o ser humano se desconta de sua essência que é a beleza, a bondade e a verdade, e se conscientizar essa espessa névoa de obnubilação, reatinge a essência que é, em última instância, um contato com Criador.

O trabalho de Keppe visa à descoberta da ligação interna com Deus, à retomada dos valores essenciais, o que demonstra a esperança de um mundo melhor, onde o afeto e a felicidade podem ser vividos plenamente.

Além disso, Keppe notou que mudar as instituições a partir de seu cerne seria algo impossível, por este motivo passou a acreditar que os indivíduos se transformariam

pela psicanálise e, por conseguinte, esses mudariam o meio ambiente. Pois somente pela conscientização individual pode se chegar à transformação social, visto que é o indivíduo que forma a sociedade.

Em seus estudos, Keppe desenvolveu o campo da sociopatologia, isto é, que a sociedade é muito doente e influencia negativamente o indivíduo. Isso ocorre desde a mais tenra infância, em que a família ensina uma série de conceitos invertidos para a criança, os quais serão confirmados mais tarde na escola, um pouco depois na faculdade, no trabalho etc.

Enfim, desde pequerrucho o ser humano é preparado para atender aos interesses de uma pequena parcela de indivíduos que estão na direção das instituições que governam o mundo. Por fim, pode-se afirmar que a sociedade, como está organizada, torna o indivíduo desequilibrado, visto que vive numa sociedade extremamente consumista, onde o Ter é mais importante que o Ser.

Keppe propõe que o primeiro passo para desinverter o indivíduo e a sociedade seria pela conscientização. Por esse motivo escreveu o livro *A Libertação Dos Povos*. Nesta obra dá continuidade às lutas de Martin Luther King, Pierre Joseph Proudhon, Karl Marx, Rousseau e todos aqueles que lutaram pela libertação humana.

Assim, revela-se o intuito desse cientista: um retorno à essência da alma humana através da conscientização do mal, para desinverter a sociedade que está perdida em meio à corrupção, à injustiça, à loucura, à destruição do meio ambiente, à exploração, à luta pelo poder e outros problemas sociais que impedem o ser humano de ser feliz, principalmente devido à psicopatologia, por isso Keppe (2007) enfatiza:

Nossa função primordial é a de ajudar a humanidade, para retornar na medida do possível ao paraíso que deixou – e que continua aqui, esperando nossa volta. Quando os primeiros habitantes da Terra viraram as costas ao bem divino, escolhendo a liberdade para realizar o mal, não tinham a menor ideia de todo o sofrimento que iriam entrar – e ainda agora continuam agindo assim, até o dia de perceber o resultado calamitoso dessa infeliz escolha. A vivência com bem terráqueo não pode ser tudo, pois somos filhos de um ser que tem todo o bem e felicidade – e enquanto não o tivermos não conseguiremos ser felizes (KEPPE, 2007, p. 120).

Em suma, neste capítulo, pode-se entender que o trabalho de Keppe é de importância singular para a Psicanálise devido à originalidade. Além disso, é notório em seus livros o tema da libertação humana sem guerras e lutas, pois ele acredita que somente por meio da conscientização individual e da ação no bem que a desinversão total a que nossa sociedade está mergulhada ocorrerá.

1.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

E, quanto mais sábio foi o pregador, tanto mais ensinou ao povo sabedoria; e atentando, e esquadrinhando, compôs muitos provérbios (Eclesiastes 12:9).

Neste capítulo, dividido em seis tópicos, com intuito de melhor entender aspectos relevantes do trabalho de Norberto Keppe, torna-se imprescindível aprofundar, a partir os principais conceitos que fundamentam a obra desse cientista, os seguintes temas: visão de mundo, visão de homem; teomania; inversão psíquica; inconscientização, e fantasia.

1.2.1 VISÃO DE MUNDO: O PARAÍSO PERDIDO

E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom; e foi a tarde e a manhã, o dia sexto (Gênesis 1:31).

De acordo com Keppe, tudo o que existe pela natureza é bom, belo e verdadeiro. Entretanto, principalmente devido à inveja e toda gama de psicopatologia desencadeada por este anti-sentimento, desde os tempos mais remotos, o ser humano vem destruindo a natureza e tudo que existe. E foi fundamentada em interesses escusos que ocorreu a formação da sociedade humana, que é totalmente invertida, por vez também muito doente, o que torna a existência neste planeta completamente desumana, uma vez que não atende a sua finalidade que seria a propagação da bondade, beleza e verdade.

Atualmente, pleno alvorecer do século XXI, é possível dizer que a origem dos tanques e aviões de guerras, bem como das bombas atômicas e da supervalorização do dinheiro em detrimento do trabalho, e do desprezo à vida, está na inveja: este campo fértil que adubamos com ódio, ira, soberba, avareza e todo tipo de corrupção que deturpa a natureza original. A este respeito Thomas Morus (1991) ressalta:

O ouro, a prata não têm, nesse país, mais valor do que lhes deu a natureza. Esses dois metais são ali considerados bem abaixo do ferro, o qual é tão necessário ao homem quanto a água e o fogo. Com efeito, o ouro e a prata não têm nenhuma virtude, nenhum uso, nenhuma propriedade cuja privação acarrete um inconveniente natural e verdadeiro. Foi a loucura humana que pôs tanto valor em sua raridade. A natureza, esta excelente mãe, escondeu-os em grandes profundidades, como produtos inúteis e vãos, enquanto que expõe a descoberto a água, o ar, a terra, e tudo o que há de bom e realmente útil (MORUS, 1991, p. 98).

Nota-se que ocorre um processo de retro-alimentação formando um ciclo vicioso, havendo o predomínio da doença sobre a sanidade. Por isso Keppe (1991) relata que é preciso conscientizar a verdadeira causa dos males individuais e sociais para que o mal seja erradicado pela raiz, por isso enfatiza:

Tenho a impressão de que Deus estabelece contato direto com a humanidade através da estética: a música, que seria o som do Criador, a escultura e a pintura que são a manifestação de suas formas e cores, a arquitetura, imitando a criação divina – de qualquer maneira é o elo que lembra ao homem a sua origem sobrenatural. É por esse motivo que o verdadeiro artista é uma pessoa sempre boa, dificilmente entrando pela senda do crime. Basta lembrar os Beatles, Elvis Presley, Tito Schipa, Caruso, os pintores, os escultores e os romancistas, os artistas (cinema, teatro T.V.) que jamais prejudicaram a quem quer que seja – e pelo contrário, sempre promoveram campanhas para ajudar a sociedade (KEPPE, 1991, p. 100).

Além disso, no tange a importância da estética, esse cientista assevera que a estética é o fundamento de toda civilização, por isso propõe ser a arte o elemento essencial que deve dirigir a sociedade, uma vez que é terapêutica em sua essência.

Quando falo da necessidade da estética para sanar as doenças humanas e sociais, não estou dizendo que devam ser aumentados os quadros de pintura dos museus, ou o número de óperas para os

indivíduos bem abonados assistirem – estou mostrando que a estética tem que entrar na vida social, assim como a economia e a política – para que o povo comece também a se desenvolver e viver em tal setor. São três elementos fundamentais necessários para que a civilização exista: o material (econômico), o psicológico (político, administrativo) e o espiritual (religião e artes) (KEPPE, 1991, p.107).

Em síntese, para este autor, a estética não é somente um enfeite, nem tampouco algo que existe ao lado da vida, pelo contrário, é o fundamento da própria vida, ou seja, é o caminho para a cura da maior parte dos males orgânicos, sociais e espirituais, principalmente, porque “A arte é a apreensão imediata do que está na mente do Criador – para não dizer que a estética é o que reflete melhor a realidade divina na Terra” (KEPPE, 1991, p. 112).

1.2.2 VISÃO DE HOMEM: A SUPREMA CRIAÇÃO DIVINA

E criou Deus o homem à sua imagem: à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou (Gênesis 1: 27).

De acordo com Keppe (2003), nascemos como seres unificados, cuja estrutura é criada dentro de toda beleza, verdade e bondade, isto é, à imagem e semelhança do Criador. Contudo, entramos em decadência devido à teomania e inveja direcionada contra Deus. É notória em seu trabalho a presença da religiosidade, pois para Keppe, o ser humano é um ser religioso, porque a religião (espiritualidade) lhe é inerente, e apenas a maneira de adoração é cultural. Por isso considera este aspecto na vida do ser humano como sendo de primordial importância, porque a religião está associada ao Amor e principalmente a Deus, por isso, assevera:

Posso afirmar que o ser humano tem dentro de si a imagem de toda perfeição e maravilha do Criador, e do universo – e por mais que a corrupção tenha obnubilado essa visão, ainda conserva na base a percepção total inicial. O ser humano deveria ser o brilho de Deus sobre a Terra. Estou evidentemente falando das pessoas que aceitaram ser esse reflexo divino, que todas deveriam ser (KEPPE, 2003, p.153).

Keppe segue a tradição judaico-cristã em sua concepção de homem. Por este motivo acredita que fomos criados à semelhança de Deus, isto é, com todas as condições essenciais para vivermos felizes e em harmonia com nossos semelhantes. E é o contato com os elementos essenciais existentes em nosso interior que nos possibilita alcançar a realização, o progresso e a paz, preservando a natureza e também trabalhando no sentido de novas descobertas científicas e de explorar todas as maravilhas existentes no Universo.

Por outro lado, salienta que o ser humano ao querer tornar-se Deus desencadeia todos os tipos de patologias, que se não são conscientizadas há a perda da personalidade. Assim, crê que a doença não tem existência por si mesma, e só existe enquanto estivermos adotando atitudes invertidas que vão contra a nossa essência. Em outras palavras, Keppe (1987) considera o ser humano um ser completo, ou seja,

que Deus não criou o ser humano aos pedaços; possuímos tudo o que precisamos para usufruir, agora, do que pensamos que teríamos somente amanhã. Portanto, o ponto fundamental, de que devemos cuidar urgentemente, é por que nos conservamos, ainda, em um estado de civilização tão precário. (KEPPE, 1987, p. 7).

Neste momento faz-se necessário escrever sobre a vontade, pois o mundo está à imagem e semelhança do ser humano, que impõem sua vontade invertida em tudo que faz. Logo, para Keppe, a vontade invertida é a grande inimiga do ser humano porque através dela realiza tudo ao contrário do que deveria ser. Isto ocorre uma vez que a vontade é invertida, e o resultado de tal conduta são: a destruição individual, a social e, sobretudo, a do planeta em que vive.

Geralmente a pessoa voluntariosa é emotiva, limitada, infantilizada, estagnada, mimada e deteriorada porque não superou as três fases neuróticas vividas na infância. É um indivíduo que vive de maneira primitiva cuja realização da vida está na satisfação do oralismo, do sadismo, do genitalismo, que coloca a razão de ser na realização das vontades egoístas, infantis e primitivas, como é possível perceber a partir das explicações a seguir:

A 1ª fase ocorre durante os dois primeiros anos de vida da criança. Esta fase é denominada de fase oral ou maníaco-depressivo porque tudo que a criança pega coloca na boca. É uma fase em que a criança sente-se muito satisfeita ao mamar e também ao mastigar. A criança que fica presa a esta fase, ao tornar-se adulta, será uma pessoa cuja vontade está associada aos prazeres da mesa, isto é, terá uma maior fixação na alimentação, bem como no uso de drogas, bebidas alcoólicas, cigarro. Além disso, é sempre uma pessoa muito dependente e falante.

A 2ª fase, que é chamada de anal-sádico ou esquizo-paranóico, estende-se dos dois aos quatro anos de idade. Nesta fase a criança torna-se agressiva, briga, xinga, morde, fica impossível. Durante este período, a criança também concentra sua atenção no intestino e passa a reter as fezes porque dá muita importância aos excrementos. Uma característica comum dos adultos que estão fixados nesta fase é a agressividade gratuita, o materialismo exacerbado, o apego exagerado pelo dinheiro, e a raiva contínua.

Por fim, a 3ª fase é chamada de genital ou fálica, ocorre dos quatro aos seis anos de idade. Nesta fase, a criança descobre que existem diferenças entre os sexos, bem como que se estimular o órgão sexual sentirá prazer. Geralmente as crianças presas nesta fase, quando adultas tornam-se pessoas extremamente narcisistas, isto é, dão muito valor ao corpo, à aparência e à sexualidade.

Pelo uso da vontade invertida, que está diretamente associada à inveja, à inversão e à teomania, o ser humano torna-se decadente e destrutivo, porque supervaloriza elementos secundários e não vive de maneira elevada, isto é, em prol do bem comum. Por este motivo passa a existência de modo amargo e enfadonho, pois busca a felicidade a partir do princípio do prazer.

Conforme Keppe (1992) caso o ser humano não renuncie suas vontades invertidas, permanecerá num nível superficial em toda sua existência. Para tanto, deve aceitar a visão de que é extremamente voluntarioso e apegado aos elementos secundários. Pois, o ser humano ao acatar todas as vontades passa a viver fora da realidade norteador pela psicopatologia, ou seja, tem toda sua existência guiada pela inveja, inversão e teomania.

Claro está que o uso da vontade invertida é o elemento desencadeador de todos os males, pois através dela o indivíduo deseja viver conforme suas emoções doentias, o que é impossível, porque a realidade é como um enorme motor que gira no sentido horário, e as emoções são como pequenas engrenagens que tentam girar no sentido anti-horário desencadeando doenças psíquicas, orgânicas e sociais.

Pelo exposto, os problemas surgem na vida da pessoa quando ela realiza as vontades invertidas, uma vez que deseja a todo custo impor idéias que não se coadunam com a realidade. De certa forma, o indivíduo estabelece uma luta inglória contra o que existe, porque coloca acima da realidade os delírios. Por isso Keppe (1992) ressalta que:

A vontade sempre está contra a realidade, pois deseja o imaginário; aliás, começou a existir para se opor ao que é real. O leitor poderá facilmente observar que as pessoas mais infelizes, aquelas que apresentam maiores problemas, são sempre os que desejam prevalecer na vida seus desejos; se a vontade fosse normal, tudo bem, mas o X da questão é que ela é totalmente invertida, levando o ser humano para um “universo” irreal – posso afirmar mesmo, para um mundo à parte, ou seja, para o que não existe (KEPPE, 1992, p. 21).

Com efeito, a origem das enfermidades reside na realização das vontades invertidas. O ser humano voluntarioso coloca a fantasia que cria de si mesmo, das pessoas e do mundo acima da realidade. Esta atitude é tão insustentável que surgem: o descontrole, a ignorância, a inação e a desadaptação à realidade, por isso, Keppe (2001) explica:

Uma verdade temos de ter em mente, ou seja, que o ser humano está profundamente corrompido, seja pela própria natureza, ou principalmente por sua vontade – ele age sempre de acordo com as vantagens imediatistas, e que não são honestas. Essa corrupção existe na base de toda conduta psicossocial, motivo pelo qual a humanidade chegou a um ponto quase sem retorno para uma verdadeira cultura e civilização (KEPPE, 2001, p. 20).

Em síntese, neste capítulo, é possível compreender que todo indivíduo torna-se escravo das próprias vontades, porque acredita que são boas. Além disso, pensa que para ser feliz precisa realizar todas as vontades. No entanto, todo indivíduo educado sob este prisma torna-se uma pessoa sem limites, que não suporta nenhuma

frustração. Por isso a aceitação da consciência de que a humanidade é guiada pela psicopatologia é imprescindível, para a recuperação do bem-estar individual, social e ambiental, até porque, segundo Keppe (1992) “[...] o único elemento que não tem essência é a vontade, pois é algo que diz respeito a uma escolha fora ao que é real” (KEPPE, 1992, p. 21).

1.2.3 A TEOMANIA: A ORIGEM DA QUEDA DO PARAÍSO

Porque Deus sabe que, no dia em que comerdes, se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal (Gênesis: 3.5).

De acordo com Pacheco (2001), todo ser humano, em maior ou menor grau, é teomânico, porque diante de uma consciência geralmente reage com muito medo ou de forma agressiva, ou mescla as duas reações, empreendendo uma verdadeira fuga à consciência, o que revela grande imaturidade e arrogância ao não aceitar lidar com os próprios erros ou com os de terceiros. Aliás, a característica singular de qualquer doença mental é a arrogância ou teomania, por isso, Pacheco (2003) enfatiza que:

Keppe percebeu que a verdadeira raiz das neuroses e psicoses, diferentemente do que Freud acreditava, é a teomania – o desejo escondido em todos os corações humanos: ser poderoso como um deus (em casos mais graves de psicose, verifica-se claramente o desejo de o indivíduo ser mais poderoso do que Deus) (PACHECO, 2003, p. 75).

Ainda, conforme Pacheco (2001), o estresse causado por essas emoções pode causar toda sorte de doenças, uma vez que o organismo ao chegar ao estado de exaustão fica suscetível a qualquer infecção.

Nota-se que a doença não existe por si, mas sim um ser humano com a mente doente que devido à intolerância, vive constantemente jogando hormônios (Adrenalina, Acetilcolina, Noradrenalina etc.) na corrente sanguínea que, quando em excesso, tornam-se toxinas, o que favorece o desencadeamento de qualquer moléstia orgânica e psíquica.

A teomania manifesta-se de forma peculiar no sexo masculino, bem como no sexo feminino. No homem pode ser identificada a partir de sua gana de ter poder social, político, militar, por exemplo: Nero, Napoleão, Stalin, Hitler foram indivíduos poderosos que direcionaram toda a existência para conquistar posições estratégicas de poder político, econômico e social e, em seguida, após se tornarem líderes realizaram todas as loucuras possíveis.

Pelo exposto, constata-se que o ideal do indivíduo teomânico é ter muito dinheiro, prestígio e poder para se sentir importante, dono da realidade e do destino da humanidade, principalmente em uma sociedade em que a vida humana está banalizada.

Ainda, segundo Pacheco (2003), a teomania se manifesta nas mulheres sob a forma do narcisismo da seguinte maneira:

A mulher acha que só pelo fato de ser quem é, já está encantando a humanidade (mesmo que não perceba, é assim que pensa, no fundo). Por isso, exigem ser sempre admiradas, amadas, valorizadas, não pelo que realizam, mas pelo que são, e muitas vezes, só pelo seu corpo, como se fossem verdadeiras musas de beleza ou de grande sensualidade (PACHECO, 2003, p. 75).

Além disso, essa pesquisadora, ressalta que é muito comum a mulher exercer forte influência sob os membros da família. Caso seja, muito neurótica, age de maneira desequilibrada, a ponto de criar um verdadeiro pandemônio em sua casa, pois faz chantagem emocional para realizar seus desejos. É o tipo de mulher que faz da casa um reino encantado, onde filhos e marido são obrigados a prestarem vassalagem, pois, todos devem atender aos seus caprichos, do contrário, apresenta crises de raiva e choro, tornando-se uma pessoa extremamente insuportável. Por isso, Keppe (2009) assevera que “Não é difícil notar aqui a arrogância feminina, quando a mulher chora, ao ver que o mundo não está à sua disposição como imagina – o que não deixa de ser enorme erro da civilização ao mimar o sexo frágil” (KEPPE, 2009, p. 50).

A teomania Ainda, conforme Pacheco (2003), também se apresenta sob a forma de perfeccionismo. A pessoa muito perfeccionista não admite que possa errar e tampouco tolera o erro alheio, por isso torna-se muito desagradável, devido à intransigência. À primeira vista, parece uma pessoa que zela pela organização, por isso

se passa por competente, prestativa e humilde. No entanto, engana-se quem tem esta percepção, pois tal pessoa quando se depara com qualquer erro tende a ficar depressiva e muitas vezes até adoece, devido ao alto grau de censura à visão dos próprios erros, por isso Keppe (2008), esclarece o seguinte:

O narcisismo é a porta aberta para o indivíduo entrar na doença mais grave, porque ele perde todo e qualquer contato com a realidade – pois a característica da conduta narcísica está no fechamento total de si mesmo, evitando qualquer relacionamento com o mundo exterior – onde evidentemente reside toda sabedoria e a energia que nos dá vida (KEPPE, 2008, p. 15).

A partir do que foi dissertado neste capítulo, constatei que a razão básica de toda infelicidade humana reside nesta atitude de almejar viver o impossível, de acreditar nas próprias idéias, de vislumbrar a realização em algo totalmente fora da realidade. Não é por acaso que faltam leitos nos hospitais psiquiátricos, pois devido ao alto grau de arrogância que muitos internos se dizem ser: Xuxa, Sílvio Santos, Napoleão, Nero, Joana D'Arc, Cleópatra, Jesus Cristo e principalmente Deus, é raro nestes casos haver alguém que se considere um padeiro, açougueiro, ou seja, um simples ser humano. Praticamente são indivíduos que querem ser o que não são e optaram por viver no mundo encantado dos delírios.

1.2.4 A INVERSÃO PSÍQUICA: O PRAZER NO MAL

Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço (Romanos 7:19).

O fenômeno da inversão psíquica foi descoberto por Keppe, no ano de 1977. Conforme Keppe (1981) esse fenômeno consiste em o ser humano inverter a verdade toda vez que tenta colocar tudo ao contrário. Por exemplo, no intuito de se libertar da angústia, a pessoa busca os mais diversos tipos de vícios, alienação e perigo. E mesmo que racionalmente pense o contrário, quanto mais se julga livre, mais se torna escrava

de sua doença psíquica, o que não acredita possuir, por isso permanece no vício, o que lhe causa a própria destruição e, muitas vezes, a das pessoas que estão a sua volta.

É de grande importância ressaltar que, devido à inversão, o ser humano projeta a sanidade na insanidade, bem como coloca a insanidade na sanidade. Não é por acaso que ao ver um problema ou quando tem uma dificuldade, reage irada e descontroladamente, ou finge que não há nada de errado consigo e com as pessoas a sua volta. Tais comportamentos revelam que a pessoa não considera ser a visão de um problema o seu maior bem.

Segundo Keppe, o ser humano age assim porque confunde a consciência do problema com o problema em si. Por esta razão a humanidade está totalmente à mercê de tantas desgraças que a assolam desde os tempos mais remotos.

De acordo com Pacheco (2003), a oposição à realidade é tão exagerada que o ser humano sempre quer substituí-la por sua imaginação, o que é causa de grande prejuízo, porque tudo o que faz com o exterior é reflexo do que realiza com a vida. Por este motivo vê o bem naquilo que é ruim, e o mau no que é bom; acreditando que através da fantasia ficará satisfeito.

Por outro lado, tem uma idéia de que a realidade causa sofrimento; vê o pecado como algo prazeroso, e a virtude um verdadeiro sacrifício; pensa que o amor traz tristezas, e que a razão pura leva ao equilíbrio; acredita que o poder social significa felicidade, e que o serviço para a humanidade é sinônimo de sacrifício e inferioridade, e pior, que o demônio é o grande doador de todo prazer, e enquanto Deus é muitas vezes considerado: sádico, restritivo, punitivo: o terrível algoz da espécie humana.

Pelo exposto, devido à inversão psíquica “[...] as pessoas aprendem a identificar o amor com o sofrimento; a consciência com a rejeição; trabalho com o sacrifício; honestidade e bondade com deixar-se prejudicar, e falar a verdade com agressão etc” (PACHECO, 2003, p. 88). Aliás, conforme Keppe (1978):

Isso, que parece um absurdo, explica a grande, a enorme dificuldade para se acatar a consciência. Como aceitar algo que nos prejudica? Este é o nosso pensamento, pois ela é a ausência de fantasia e imaginação mórbidas, algo que é criado por nós, como se a doença fosse alguma coisa e a consciência, o nada (KEPPE, 1978, p. 35).

Em poucas palavras, neste capítulo ficou claro que o ser humano coloca fora de sua consciência a verdadeira causa de seu sofrimento, uma vez que tem a idéia de que a visão do mal lhe causa sofrimento, e não que sofre porque rejeita a consciência do mal que provoca a terceiros e a si mesmo, o que lhe causa os mais diversos tipos de enfermidades psíquicas, orgânicas e sociais.

1.2.5 A INCONSCIENTIZAÇÃO: A FUGA DA VERDADE

E ouviram a voz do SENHOR Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do SENHOR Deus, entre as árvores do jardim (Gênesis 3:8).

Segundo Keppe, o ser humano adoece porque adota atitudes contrárias à consciência, ou melhor, porque a nega, o que gera uma grande tensão interna, a ponto de sofrer dos mais diversos tipos de enfermidades ao longo de toda sua existência.

Ainda, para esse cientista, o medo da percepção dos erros e dos problemas é que torna turva a consciência de qualquer pessoa, por isso, para não enxergar o que não quer ver, a pessoa tenta esquecer, ou melhor, inconscientizar tudo que considera um perigo para si, pois raciocina, invertidamente, da seguinte maneira: o que não conscientizar não causará danos; por este motivo tenta esconder da consciência tudo que lhe é desagradável, criando uma falsa idéia de que não vendo os problemas não os tem e, portanto, não sofrerá as consequências.

Pelo exposto, torna-se evidente que, ao colocar uma venda nos olhos, o ser humano não pode ver o mal que pratica, e tão pouco o bem que já estão em seu interior e a sua volta. No entanto, é impossível fugir das consequências de tal atitude, visto que fica cego para o que de melhor a vida lhe oferece: a consciência. Entretanto, devido à inveja, escolhe padecer na escuridão das trevas da arrogância a aceitar a luz da vida, que lhe mostra o bem e o mal.

Em outras palavras, o indivíduo passa grande parte de sua vida tentando esconder de si mesmo o que sabe. Esta atitude de afastamento da consciência foi denominada por Keppe de inconscientização, uma vez que não existe pela natureza um inconsciente patológico, pelo contrário, há uma tentativa patológica de esconder o que está no campo de percepção. Tal conduta desencadeia uma infinidade de sintomas, a saber: angústias, fobias, depressões e toda sorte de doenças orgânicas e psíquicas.

Daí a necessidade de a pessoa perceber que não é a consciência que a destrói, pelo contrário, por meio da consciência ela constata que é a principal causadora de sua destruição e a do mundo em que vive, pois o mal que causa em seu interior não é diferente do que faz exteriormente, mudando apenas o objeto de agressão. Por isso, Keppe (1987) assegura que:

[...] quando se fala em vontade, imediatamente ligam a censura – pensando que é um erro saber dos enganos que cometemos. Este é o ponto crucial de aceitação da Psicanálise Integral; de tal maneira a humanidade endossou a idéia do inconsciente que ela serve de desculpa para tudo o que se faça; qualquer pessoa, quando descoberta em flagrante, diz imediatamente: “Eu fiz isto inconscientemente” (e não invertidamente) – não querendo admitir que possa cometer erros (KEPPE, 1987, p. 141).

Aliás, devido à descoberta da inversão psíquica, toda a Psicanálise teria de ser reformulada, uma vez que foi elaborada de forma invertida. A começar pela tese freudiana que afirma que o ser humano é vítima de um inconsciente, ignorando que a rejeição à consciência implica no uso da vontade, fator que, de acordo com Keppe (1987), cientista algum, ou qualquer orientação psicoterapêutica considerou.

Pelo exposto, neste capítulo, é possível entender que o ser humano vive num ciclo extremamente daninho e de maneira alienada tentando conduzir sua vida: 1) colocando acima do trabalho o dinheiro; 2) supervalorizando a comida em detrimento da saúde, 3) e supervalorizando o sexo ao menosprezar o amor que é a fonte de toda realização, vivendo de maneira invertida, isto é, fora da realidade.

1.2.6 A FANTASIA: UM DELÍRIO IMPOSSÍVEL

Porque do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias (Mateus 15:19).

Para Keppe, todo ser humano faz um grande esforço para impor sua fantasia sobre a realidade, porque imagina ser a realidade ruim, e o Criador fonte de sofrimento. Por isso, o indivíduo empreende uma luta inglória para realizar o impossível, visto que, devido ao narcisismo, à megalomania e à teomania, despreza a beleza, a bondade e verdade que existem, para adorar as próprias idéias, que geralmente são vazias de significados, porque é fruto da inveja que tem de Deus. Por isso, Keppe (2000) ressalta: “O que acontece é que o excesso de idealização impede que o ser humano aceite viver de acordo com a realidade, porque lhe parece medíocre demais – vivendo em seus delírios de grandeza, que não têm existência por si” (KEPPE, 2000, p. 114).

Na prática, o ser humano confunde os resultados da inversão (fome, guerras, miséria, doenças e desgraças) com a realidade original. Aliás, é comum acreditar que o mal é necessário para a existência do bem, ou pior, que a realidade pode ser boa e ruim ao mesmo tempo, o que implica na propagação das seguintes idéias: 1) o mal faz parte da realidade, e não, que é sua negação; 2) o mal é algo insolúvel porque faz parte da natureza; 3) a vida é cheia de erros, por isso não merece ser tão valorizada; 4) as atitudes opostas têm o mesmo valor, portanto, pode se ser antiético, desonesto etc. que tanto faz, não é por acaso que o mundo está de pernas para o ar.

Claro está, que a humanidade age sempre conforme seus anseios, mas ao surgirem os resultados desastrosos, as pessoas ficam desesperadas, negam a responsabilidade sobre o que estão vivendo, o que piora o quadro. Ou seja, as pessoas sofrem porque querem viver uma fantasia, algo totalmente ilegítimo, que está em oposição direta à realidade original. Contudo, por ter sempre uma aparência deleitosa, facilmente se embriagam, por exemplo, geralmente usam o alimento, o sexo e o dinheiro para realizar as fantasias, com o fito de diminuir a angústia, o que tende a aumentar se não for tratada a fonte do problema.

Parece mesmo que o ser humano, ao longo de sua existência, sempre esteve dividido entre aqueles que buscam as glórias aparentes, os caprichos sociais, que por um momento trazem muita excitação, visto que alimentam a mania de grandeza que há nos corações dos mais arrogantes. Por outro lado, existem aqueles que firmados na humildade, no amor ao próximo, no bem-estar social (Sócrates, Cristo, Martin Luther King etc.) lutam pela realidade, por isso que sempre são perseguidos, presos e mortos, porque os gênios revelam a mediocridade que a maioria escolhe. E, devido à censura à consciência, atacam porque não querem perceber que são limitados, pois a visão de alguém que é superior mostra-lhes a própria pequenez humana.

Por exemplo: o ato de oferecer cicuta a Sócrates revela que a humanidade tem se envenenado com os piores sentimentos e pensamentos no decorrer de sua existência. E o que dizer da crucificação de Cristo? Na verdade, o que fizeram com Ele, mostra como as pessoas crucificam o sentimento mais verdadeiro que há no interior de todo ser humano: o amor.

De acordo com Keppe, todo ser humano, devido à inversão, passa a considerar a realidade ruim e a fantasia agradável. Tal conduta revela, sobremaneira, o quão invejoso, invertido e teomânico é o gênero humano. Ou seja, rejeita a natureza e toda sua magnificência em prol de devaneios, principalmente porque assim pode realizar qualquer coisa, mesmo que seja contra sua própria essência, por isso Keppe (1981) ressalta que: “Everything that man creates is fantasy, because he relinquished reality a long time ago; but if again decides to accept truth, all that he does will be greatly modified. And by accepting truth, we will be able to return to Lost Paradise as much as possible” (KEPPE, 1981, p. 28).

Em síntese, neste capítulo, é possível inferir que o ser humano vive dentro da realidade divina, mas devido à arrogância criou para si uma existência totalmente anormal, por isso precisa desta percepção para que possa ter um pouco de equilíbrio.

2 A ORIGEM DAS ENFERMIDADES

2.1 A INVEJA UNIVERSAL: A ORIGEM DO MAL

E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte (Isaías 14:13).

De acordo com Pacheco (2003), Keppe dá um sentido diferente para o termo inveja, isto é, enquanto o senso comum acredita que a inveja é desejar o que pertence ao outro, ou ainda, querer ser igual à outra pessoa, etc. Essa autora ressalta que:

O sentido da inveja, para Keppe, é diferente do sentido que o povo normalmente dá para esse termo. Inveja, como diz a origem da palavra, em latim (invidere), quer dizer: não ver. Portanto, o entendimento verdadeiro da palavra inveja de ser retirado da sua origem etimológica – invejoso é o indivíduo “que não quer ver”. Não quer ver o quê? Não quer ver o que é bom, belo e verdadeiro: não quer ver o que é – pois tudo o que é, por si é bom. A realidade original era somente boa, bela e verdadeira até que o ser humano começou a estragá-la pela inveja, pois o bem do outro, o bem que nos exterior, traz consciência dos nossos males, como uma dialética automática (comparação). Desejamos destruir essa consciência, assim como o feio quer quebrar o espelho que lhe mostra a feiúra; o ser humano quer brilhar sozinho e com isso acaba destruindo não somente a beleza a sua volta como a própria (PACHECO, 2003, p. 83-85).

Segundo Keppe (1983), a inveja embotece a sensibilidade e impede que o ser humano perceba, não apenas as nuances de cores, sons, perfumes, tato e o paladar, bem como faz com que o invejoso deturpe, altere e destrua o relacionamento afetivo e todo o universo em que vive, devido à inversão psíquica causada pela inveja, porque toda pessoa invejosa é invertida, ou seja, vê no bem um mal e no mal um grande bem, por exemplo, o trabalho para o invejoso é algo desvantajoso, chato, enfadonho, mas a preguiça, ele a considera benéfica etc. Em outras palavras:

O invejoso é invertido porque rejeita o sim, o bem e a felicidade – depois que consegue o mal para sua vida, se queixa por não se sentir bem; a saúde e bem-estar dependem da aceitação do indivíduo. Para haver saúde, o indivíduo tem de ter gratidão, mas se o grau de inveja for muito elevado, ele não aceita de maneira alguma ser grato (KEPPE, 2000, p. 11).

Pelo exposto, não existe ser humano que não seja invejoso, pelo contrário, todos, independentemente, da cor, raça, credo, condição social, grau de instrução etc. são invejosos, em menor ou maior grau. Mudando apenas o grau de consciência que têm a respeito da própria inveja. Por isso, Keppe (2000) salienta que:

Como a inveja é o anti-sentimento não é possível percebê-la inteiramente, a não ser pelas suas conseqüências – a partir daí, o caminho se abre para todos os vícios entrarem: avareza, gula, soberba etc. Deste modo, o ser humano se torna vítima daquilo que não percebe muito bem (KEPPE, 2000, p. 30).

Devido à inveja, a pessoa escolhe o mal para si, visto que a inveja exerce grande influência sobre os pensamentos, sentimentos e a maneira de agir, pois a inveja é a negação à felicidade, à vida, à harmonia, ao amor próprio e, por conseguinte, ao próximo.

A inveja é, portanto, uma atitude autodestrutiva que visa atacar o que de melhor a vida oferece, isto é, a beleza, a verdade e grandeza de tudo o que originalmente foi criado por Deus, entretanto, o ser humano tem prazer em destruir o que não criou, e principalmente atacar todo bem que há em sua vida. Tão grande é a ação daninha desse sentimento que desencadeia forte mal-estar, por isso, Keppe (2000) afirma:

[...] que se existe algo que esteja tirando a felicidade, que geralmente se manifesta por uma sensação indefinida de mal-estar, certamente é porque a pessoa está dentro do “sentimento” de inveja; e para compreender melhor toda a extensão desse mal-estar é só comparar ao verdadeiro sentimento que é o de gratidão, que significa gostar da vida e de tudo o que ela fornece (KEPPE, 2000, p. 17).

Em síntese, a inveja prejudica desenvolvimento da pessoa invejosa e provoca o atraso da sociedade em que vive. Por isso, somente através da conscientização da própria inveja é possível ter paz, visto que o estado caótico em que o mundo se encontra reflete muito bem o que se passa na vida psíquica de todo ser humano.

2.2 A CENSURA: O PROBLEMA FUNDAMENTAL

Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela (Mateus 7:13).

Keppe (1983), comenta que tanto a neurose quanto a psicose e todos os problemas sociais têm origem na atitude de impedir a existência da consciência do bem, da verdade e principalmente dos erros. E esta atitude recebe nome de censura, patologia que está associada à teomania – fator psicopatológico que determina o quanto a pessoa aceita lidar com a consciência de seus problemas e os de terceiros.

Com efeito, constata-se que a doença está localizada na censura, visto que ninguém sofre porque tem este ou aquele problema, mas porque não quer lidar com a consciência dos problemas, em razão disso, Keppe (2000), explica que:

Se a doença está mais localizada na censura, temos de admitir que se trata de um processo psicológico dependente mais da vontade do ser humano; estou trazendo a chave principal para resolver o problema da psico e sociopatologia da humanidade. Posso dizer que a inconsciência vem pela resistência em ver os próprios enganos. Parece que não temos escolha: ou aceitamos a consciência, admitindo o bem para nossas vidas, ou a recusamos colocando o transtorno para a existência. (KEPPE, 2000, p. 57).

Até porque o teomânico, isto é, o indivíduo soberbo, não admite que possa errar, pelo contrário, tem a idéia de que é um ser que: 1) não comete erros; 2) não se engana; 3) não tem maus pensamentos; 4) não tem maus sentimentos; 5) não age mal. Em outras palavras, é um anjo que está por aqui transbordando paz e harmonia por onde passa. Ou, caso tenha muito poder, é o próprio Deus. Por este motivo, Keppe (2008), assevera que:

O poder mais destruidor que existe no mundo vem da soberba, porque ela não é percebida e, por esse motivo, leva o ser humano a atacar tudo e a todos sem dó ou piedade – posso afirmar que qualquer atitude de agressão ao próximo tem origem nessa atitude horrível (KEPPE, 2009, p. 53).

Sobre a essa conduta, importa ressaltar que, em muitos casos, a pessoa se isenta de qualquer atividade para não ver seus defeitos, dificuldades, limitações e

ignorância, por isso provoca o enrijecimento de todo o corpo (Catatonia). Afinal, quem não faz nada, não vê erros em si, mas também não se desenvolve, permanecendo num delírio de grandeza. Ao agir assim, prefere permanecer ignorante a assumir diante das outras pessoas que não é o que imagina de si mesmo ou o que gostaria que pensassem a seu respeito. Em razão disso, Keppe (2001) ressalta que:

O ser humano não é doente (neurótico) por ser nervoso, mas ele é doente por não querer ver que é nervoso – aliás, o nível de neurose se mede pelo seu grau de resistência em se ver. Afinal de contas, não são os problemas que adoecem o homem, mas sua resistência em vê-los – é por esse motivo que os doentes mentais mais graves se recolhem em sanatórios, ou em suas casas, de preferência trancando portas e janelas para evitar qualquer contato com as dificuldades do mundo (KEPPE, 2001, p. 32).

Em síntese, neste capítulo foi possível entender que, para Keppe, todas as enfermidades psíquicas, orgânicas e sociais que assolam a vida do ser humano, têm origem na atitude de inconscientizar, o que revela que a conduta de fechar os olhos para a consciência é o fator determinante no desencadeamento de todas as doenças.

2.3 A PROJEÇÃO: A FONTE DOS DELÍRIOS

Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho? (Mateus 7:3)

Segundo Keppe, quando o ser humano não aceita a consciência dos próprios problemas geralmente adota, devido à projeção, as seguintes condutas: 1) agride aos outros porque pensa que vão agredi-lo; 2) agride a si mesmo e pensa que os outros é quem o agride. Ademais, quanto maior a projeção, maior a chance de a pessoa entrar na psicose, visto que o indivíduo projetivo não tem percepção nenhuma de si mesmo, antes sim, vê a causa de seu sofrimento no outro, tornando-se uma pessoa alienada e muitas vezes agressiva, pois não aceita nenhuma consciência a seu próprio respeito, sobre essa conduta, Keppe (2000) enfatiza que:

Quando a pessoa coloca fora de si seus problemas, perde contato com a realidade, porque não se sente mais e não tem ideia do que pensa; por esse motivo, quando alguém quer corrigi-la se torna agressiva, grita e esperneia, como faz uma criança (KEPPE, 2000, p. 96).

A projeção, de acordo com Keppe (2000), causa delírios porque no processo projetivo o indivíduo coloca no semelhante suas próprias características, o que equivale dizer que além de projetar os defeitos no próximo, deposita nele méritos e qualidades que também não possui. Neste momento, importa explicar a idealização projetiva que:

[...] tem dois aspectos: um, é o de imaginar que o próximo é muitíssimo mais perfeito do que realmente é, revelando enorme ingenuidade – e o segundo, que o semelhante (pelo menos alguns) revelam dons incríveis que devem realmente ser admirados. De qualquer modo, a idealização projetiva faz parte da identificação projetiva, mas só no sentido de enxergar no outro, patologicamente os ideais mais altos (KEPPE, 2000, p. 111).

No que tange a idealização projetiva, é possível ilustrá-la partir da paixão porque, quando apaixonada por alguém, é comum a pessoa adorar ouvir a voz, sentir o perfume da pele, o toque das mãos, o calor do corpo, embriagar-se com o sabor dos beijos do ser adorado. Tamanho é o envolvimento com os delírios criados nesta fase do romance que se esquece de tudo a sua volta, por exemplo: do trabalho, dos estudos, da família, dos amigos etc; enfim, vive como se estivesse dopada pela paixão.

Entretanto, após algum tempo de relacionamento, quando não há final trágico, muitos casais se separam magoados um com outro; quando não se separam, passam a vida numa eterna acusação, de modo que o príncipe passa ser encarado como um sapo, e a princesa, uma verdadeira bruxa. Isso acontece porque as pessoas se casam com a idéia que têm sobre o cônjuge, e não com o companheiro, isto é, com uma pessoa com defeitos e qualidades. Sobre esse fenômeno Keppe (2000) enfatiza que:

[...] esse processo de projeção leva o ser humano a viver fora da realidade: a) primeiro porque não deixa de ser uma fantasia, ou melhor, um delírio criado na própria cabeça, b) e depois não haverá possibilidade de relacionamento, desde que o pensamento sobre o outro não é real (KEPPE, 2000, p. 100).

Em outras palavras, na idealização projetiva a pessoa vê o próximo como alguém totalmente isento de problemas, o que equivale dizer que, devido à idealização e à identificação projetiva, segundo Pacheco (2003):

O indivíduo pode projetar tanto os seus problemas como as suas qualidades, o que lhe causa grande perturbação e alienação de si mesmo. Aquele que projeta muito, tem toda a sua problemática sem controle. Se nós não conseguirmos controlar um problema em nós mesmos, também não conseguiremos controlá-lo em outras pessoas. A doença que não conscientizarmos em nós, também não a veremos nos outros e nos tornaremos presas fáceis em suas mãos (Pacheco, 2003, p. 92).

Nas relações políticas internacionais, constata-se que este fenômeno dá origem às guerras. Aliás, recentemente um país foi invadido sob a acusação de guardar consigo armas de destruição em massa. Mas, após a invasão, não foram encontradas as armas, por isso é possível inferir, conforme Keppe (2000) que:

O processo de projeção forma os delírios na personalidade, porque elimina o contato da pessoa mesma; de maneira que ela deixa de “existir”, tornando-se totalmente dependente do que projeta: se tudo o que percebe está no outro, então ela não “existe” – e se não assume os próprios erros tem licença para praticar toda barbaridade possível (KEPPE, 2000, p. 95-96).

Pelo exposto, na projeção não existe meio termo: o alvo da projeção ou é bom demais, ou é o pior que possa existir, o que revela imaturidade e alienação da parte de quem projeta, visto que qualidades e defeitos todo ser humano tem em seu interior. Mas como o sujeito ignora a existência do processo projetivo permanece fora de si e da realidade.

Em síntese, neste capítulo foram ressaltados três aspectos importantes sobre a origem das enfermidades, a saber: 1) a inveja constitui a etiologia de todas as moléstias; 2) a enfermidade do ser humano está em sua resistência à consciência, e 3) a projeção leva o ser humano para fora da realidade, causando-lhe uma infinidade de problemas em todos os campos da existência.

3. O TRATAMENTO TERAPÊUTICO

3.1 O SER: O RETORNO AO PARAÍSO PERDIDO

Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna (João 4:14).

De acordo com Keppe (2003), o fundamento, a estrutura e a finalidade estão no ser; no homem, causa, essência e fim são automaticamente percebidos pela mente, que reflete seu ser. Sentimento e pensamento são as manifestações mais próximas do ser, demonstrando que tudo que há neles, existe também no ser; exceto a patologia (mal) que é sua privação. Logo, para esse autor, emoções e idéias são o ser, e sua negação e deturpação: a doença.

Este autor também propõe que em lugar de falar que o ser é bom, verdadeiro e formoso, deveríamos afirmar que o belo, a verdade e a bondade são o ser. Portanto, para esse pesquisador a única maneira de existir realmente é sendo bom, belo e verdadeiro, enquanto que o mal, o feio e o falso constituem a destruição ao ser, por exemplo: a doença, a perturbação e decadência são consequências do ataque contra o ser.

Ainda, segundo este cientista, a bondade, a verdade e a beleza são o ser e não sua manifestação, pois ao surgir a maldade, a mentira e o monstruoso, jamais deixará de haver a perfeição na base, que está sendo destruída pela conduta humana. Em outras palavras, ao rejeitar, alterar e negar o que é bom, belo e verdadeiro, o ser é impedido de se manifestar adequadamente.

Conforme Keppe (2003), o ser humano carrega em seu ser tudo o precisa saber ou ter, para conseguir uma existência normal; por isso ele é totalmente dependente do ser, principalmente do Ser Por Excelência: Deus, que é o primeiro conhecido. Além disso, para esse cientista, o ser humano em sua origem vive na energia escalar que é atemporal e fora do espaço, sendo obrigado ao mesmo tempo a aceitar o tempo e matéria, por causa de sua queda energética, visto que:

A civilização humana vem em contínua queda, desde que abandonou sua condição original, no assim denominado paraíso terrestre; seja porque motivo for, o ser humano resolveu deixar todos os seus conhecimentos fundamentais, e iniciar um tipo de existência diferente, podendo-se dizer *sui generis* – e que não poderia dar certo, evidentemente. De outro lado, não podemos ignorar a enorme dificuldade que temos agora de chegar ao que é correto, devido o desligamento com o real (KEPPE, 2003, p. 15).

Para esse autor, o ser contém tudo o que existe, ou poderia existir. Além disso, afirma que é através do ato que o ser humano se identifica e, de uma certa maneira, se torna semelhante ao Ser Total – e não pelo conhecimento, elemento parcial e teórico quando tomado por si mesmo. Se não fosse assim, os demônios seriam semelhantes a Deus, desde que têm conhecimento dele melhor e maior do que o ser humano.

Keppe (2003) acredita que o ser humano caiu dentro do tempo, contrariando a própria natureza, que está fora dele, por isso passou a sofrer um formidável empecilho para viver o que é – e quanto mais se distancia do que é real, mais doente se torna, sofrendo de sintomas como: ansiedade, angústia, depressão e males físicos.

Para esse psicanalista, a negação, omissão ou deturpação ao ser seria o que os pensadores denominaram de não-ser, que não deixa de ser uma oposição ao ser. Assim, o autor propõe que a idéia dualística platônica poderá ser interpretada no mesmo sentido de privação ao ser. E que o universal, que é a verdade essencial habitando no interior do ser humano, não tem conexão com um elemento oposto que jamais poderá ser real. E a idéia aristotélica da potência para o ato, do particular para o geral coloca erroneamente o não-ser como formador do ser.

Esse autor frisa que o ser humano nasce com sua estrutura organizada inclusive a emocional e a intelectual – sendo que qualquer pensamento errôneo ou sentimento deturpado constitui uma violência contra o ser - como a genética mostra: são falsos hóspedes que desejam arruinar o DNA, em forma de RNA falsos, invasores na constituição psicogenética, por isso Keppe (2008) ressalta que:

[...] a rejeição ao eterno nos leva ao adoecimento, envelhecimento e morte, motivo pelo qual introduzimos o tempo em nossa existência – assim sendo, temos de concluir que adotamos uma conduta de aversão ao divino (e perene) destruindo sensivelmente nosso ser, pois não podemos viver verdadeiramente senão no que é legítimo. Estou dizendo que brecamos continuamente a alegria e todo o bem-estar com o qual fomos agraciados na vida (KEPPE, 2008, p. 79).

Em suma, neste capítulo, torna-se claro que o mundo real dos universais é o objeto da ciência, enquanto que o mundo sensível é mais uma ilusão. Em outras palavras, a verdade é uma concepção universal da mente de todo ser humano, enquanto que o ilusório tem origem nos sentidos, e o ser é a verdade, beleza e bondade.

3.2 A DIALÉTICA KEPPEANA: O DIÁLOGO COM A VERDADE

Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles (Mateus 18:20).

Para Keppe, a dialética é o método mais adequado para se tratar o ser humano, porque para chegar a uma conclusão precisa comparar um dado intelectual com outro. Por exemplo, a noção de claro e escuro remete à ideia de luz; lado direito e lado esquerdo, à ideia de direção; quente e frio, à ideia de calor; alto e baixo, à ideia de altura; sentido horário e anti-horário, à ideia de rotação etc.

Assim, dialética no sentido keppeano é um diálogo ou uma comparação entre duas partes opostas e reais, como ocorre na união de um gameta masculino (espermatozóide) ao gameta feminino (óvulo) que gera um terceiro elemento real: o embrião; outro exemplo é a reação química entre as moléculas de hidrogênio e oxigênio que produz moléculas de água.

De acordo com Keppe, ao realizar a dialética, ocorre a união de dois elementos reais para se chegar a um terceiro também verdadeiro. Do contrário, não há uma dialética, visto que uma coisa é unir dois elementos reais que se complementam; outra é tentar unir um elemento real à sua negação, o que é completamente impossível, e até desastroso. Por exemplo, é impossível unir a sabedoria com a ignorância, o mesmo pode-se dizer da união da paz com a guerra, e da realidade com a fantasia, pois nestes casos não há dialética, isto é, não ocorrem diálogo, comparação, ou complementação, antes sim, ocorrem: a deturpação, a alteração e a negação dos elementos reais (sabedoria, paz, realidade). Outro exemplo é o estômago atacado pela gastrite, pois onde há a enfermidade ocorre a ausência do estômago saudável, revelando que antes

de se instalar tal doença o que havia era um estômago sadio. Desta forma, constata-se que a doença não tem essência, porque ela não existe por si só, portanto, é preciso existir a sanidade primeiramente para depois ocorrer o surgimento da enfermidade, por isso Keppe (1983) enfatiza que:

Assim como não pode haver a negação, senão sobre a afirmação, o mal só pode existir sobre o bem e a doença sobre o que é são, em forma de negação, omissão ou deturpação da realidade. Assim sendo, é necessário perceber o que o indivíduo está negando, omitindo ou deturpando (KEPPE, 1983, p. 283).

O método dialético keppeano visa esclarecer o erro, porque ao ser conscientizado automaticamente ocorre a remissão e cura seja da doença psíquica, seja da enfermidade orgânica. Isso é possível porque, segundo Keppe, a doença é ocasionada pela inversão, o que torna a percepção de tal atitude imprescindível, por possibilita a recuperação da neurose, psicose e mesmo do mal físico. “A dialética certa seria a percepção de que somos constituídos por duas realidades, que se unem para formar o que somos, ou melhor, uma coisa só” (KEPPE, 1980, p. 45).

Claro está, pelo exposto, que a dialética usada pela Psicanálise Integral tem o fito de favorecer um encontro com a verdade que o ser humano traz gravada em seu interior, revelando que para todo fenômeno existe uma causa anterior. Neste sentido, pode-se afirmar que Keppe usa a dialética socrática ou cristã, porque, à semelhança de Sócrates acredita que:

[...] temos de agir como parceiros que apenas fazem com que a realidade apareça – Sócrates chamou-a pelo nome de diálogo; este processo está em oposição ao platônico e ao hegeliano, que pretendem unir a fantasia à realidade, dialogando com o que não existe: o não. Exemplificando, se eu basear minha vida em um inconsciente, estarei totalmente errado, pois o que não é (in = não; consciência = percepção), a não percepção, não pode ser origem da percepção (KEPPE, 1983, p. 283).

Segundo Keppe, basicamente tudo que existe é dialético. Todavia, é de grande importância, a percepção de que não é preciso fazer a dialética certa, mas principalmente conscientizar a errada, para que a correta funcione; o mesmo fenômeno pode-se dizer a respeito da verdade, pois ela existe por si, e para que o ser humano

possa vivê-la tem de descobrir a mentira, para que não impeça a verdade de existir em sua vida, por isso importa enfatizar, conforme Pacheco (1981) que:

Existem dois tipos de método dialético. Um deles é o platônico. Platão dizia o seguinte: temos de unir o sim com o não para chegarmos a uma síntese. Frederick Hegel, um pensador alemão, disse o mesmo. Ele disse que o que é racional é real e o que é real é racional. Falou explicitamente, em alemão que o sim e o não são a mesma coisa. E o mundo segue essa sua orientação. Mas como é possível, por exemplo, o homem e o não-homem se unirem para formar um terceiro elemento? Assim também com o livro e o não-livro, a matéria e a anti-matéria, etc. Toda a ciência está enfronhada nesse pensamento.

Aristóteles observou que Platão, embora muito inteligente, com sua dialética fazia apenas um simples exercício mental. Hegel repetiu Platão, em seu esquema tese, antítese e síntese.

Nós verificamos que existe uma outra dialética (certa): a de Sócrates ou de Cristo. Por exemplo: Cristo dizia que os humildes são sábios e os arrogantes são medíocres. Wilfred Bion, um dos mais recentes freudianos, notou que as pessoas arrogantes, curiosas e estúpidas possuem uma doença grave. Basta verificarmos estes aspectos e teremos um sinal de doença (PACHECO, 1981, p. 13).

Em suma, para Keppe, somente através da dialética verdadeira pode haver a manifestação da beleza, verdade e bondade na vida do ser humano a exemplo da perenidade das obras dos grandes homens que existiram na humanidade, a saber: Da Vinci, Beethoven, Goethe, Sócrates, São Tomás de Aquino, Ghandi, Martin Luther King, Charles Chaplin e o maior de todos: Cristo foram pessoas fundamentais que trouxeram luz para o mundo e foram autênticos no que fizeram, pois “O ser humano é mais semelhante a Deus, do que qualquer outro ser – de maneira que comparar o homem aos animais, vegetais e minerais é cometer uma gigantesca gafe” (KEPPE, 2008, p. 69).

3.3 A INTERIORIZAÇÃO: O ENCONTRO COM A VERDADE

E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará (João 8:32).

A palavra interiorização é um neologismo criado e usado por Keppe desde 1974. Significa o ato de olhar para o interior psicológico e ver a essência boa, bem como a rejeição que se faz a ela. Sobre este assunto, Sócrates falava sobre a verdade que há no interior de todo ser humano. Aliás, a palavra interior em sentido dicionário significa: que está na parte de dentro; interno; particular; âmago; índole; entranhas. E Santo Agostinho, por sua vez, disse que: “*o homem interiorizado é bom*”. Esses dois filósofos confirmam as descobertas feitas por Keppe a partir das análises de clientes.

De acordo com Pacheco (2003), as pessoas falam de si através dos outros. Ou seja, o que resiste em admitir em si mesma sairá filtrado através dos comentários que tece acerca das outras pessoas. Tal fenômeno é constatado por meio da Técnica Dialética de Interiorização da Trilogia Analítica. Ao utilizar esta técnica, o psicanalista trilógico, durante a sessão, usa o diálogo para comparar dois elementos e chegar a uma conclusão.

Por exemplo, o cliente (primeiro elemento) é comparado à pessoa de quem fala (segundo elemento), para se chegar a uma conclusão (interpretação). Além disso, na Técnica Dialética é possível perceber que qualquer situação, ou fato narrado pelo cliente funciona como um espelho de seu próprio interior, porque através da exposição do fato, o cliente fala de si mesmo.

Segundo Keppe (1987), a interiorização foi o primeiro passo dado para a compreensão e formação da Psicanálise Integral. Uma vez que se distingue da introjeção e projeção, isto é, não se trata de colocar algo no interior, nem tampouco, pôr fora uma idéia ou um sentimento, pelo contrário, é o processo de conscientização da dialética errônea, é a recuperação e o desenvolvimento da humanidade; pois para se chegar à sanidade, é preciso aceitar a consciência dos erros, porque para alcançar o equilíbrio, a pessoa é obrigada a perceber o próprio desequilíbrio.

Em outras palavras, a interiorização é a percepção do próprio interior, ou seja, é a verdadeira tomada de consciência da vida psíquica. É através deste contato direto e sua aceitação que o ser humano estará aceitando o próprio Criador. O contrário também é válido frisar, pois é a origem de toda sociopsicopatologia, visto ser a doença social também oriunda da psicopatologia.

Já na Antiga Grécia, Hipócrates, o pai da medicina, afirmou que *“não existe a doença, existe o doente”*. De modo que é possível compreender que primeiramente adoece o psíquico e, em seguida, o físico padece. Ou seja, o ser humano é integral, corpo e alma; psíquico e físico, predominando o psíquico, por ser superior. Neste sentido, Casseb e Neto (1977) asseveram que:

As moléstias psicossomáticas englobam dois componentes, apenas a psique e o soma, ou seja, o espírito e o corpo, a vida emocional e o organismo. Neste tipo de moléstia, a lesão orgânica é apenas um sintoma, um efeito, uma resposta fisiológica a um estado psíquico. Melhor dizendo, é uma resposta fisiopatológica a um estímulo psicopatológico. A constelação emocional é o fator desencadeante do distúrbio orgânico. Quando pensamos em algo triste, melancólico, há imediatamente uma resposta orgânica, que se revela em contrações faciais e em lágrimas a brotar dos olhos. Da mesma forma há uma resposta somática para a esperança, alegria, medo, erotismo, etc. (CASSEB; NETO, 1977, p. 25).

A Medicina Psicossomática nos adverte que o corpo revela o que não é percebido, isto é, o que está escondido no interior, na alma. A indicação psicossomática é aquela que acredita que as doenças físicas são provocadas, basicamente, por fatores emocionais. A doença seria apenas o sintoma dos conflitos que vivenciados no cotidiano, a começar pelas emoções negativas, por exemplo: após sentir muita raiva, em seguida, surgir dor de cabeça, alterações metabólicas e cardiovasculares, pressão-alta etc.

Pacheco (1994), relata que se a pessoa censura ver os erros cometidos, pode começar uma batalha contra o que está vendo e, conseqüentemente, desencadear alguns sintomas, como: resfriados, dores de cabeça e no corpo, crises de bronquite, perturbações gastro-intestinais, pressão baixa, alterações na salivação com

consequências periodônticas, taquicardia, insônia e até provocar acidentes pessoais etc.

E como a sociedade está acostumada a tratar apenas os sintomas porque acredita que seu único problema é o mal orgânico, criou-se a idéia de que se eliminados os sintomas não haveria doença alguma. Isso ocorre uma vez que a medicina somatopsíquica parte de um princípio de que toda doença tem origem orgânica, e não psíquica.

A própria medicina já reconheceu que o estresse é a causa das doenças, pois o organismo em estado de exaustão fica sujeito às infecções entre outros distúrbios, por isso o ser humano adoece. Assim sendo, deveria ser tratada a causa do estresse (a inveja, a teomania, a inversão) que é de origem psíquica, e não a consequência apenas. Para tanto, o médico deveria também se submeter ao tratamento psicanalítico, visto que também sofre de angústias, insônia, ataques cardíacos, raiva, preguiça e morre de câncer como qualquer ser humano.

No entanto, a causa não é tratada, pelo contrário os especialistas do corpo tratam das partes que o compõem, por isso que cada vez mais existem médicos que entendem menos do que se passa na psique humana, tornando-se norma geral, após algumas consultas ao médico, o paciente ter de ingerir uma série de medicamentos por dia. O primeiro é para combater o sintoma principal; o segundo para tirar os efeitos colaterais do anterior; o terceiro alivia o mal-estar do segundo; o quarto diminui os desconfortos dos três primeiros; o quinto ajuda o paciente a suportar os efeitos do quarto; o sexto faz dormir; o sétimo ajuda a despertar; o oitavo possibilita o paciente ir ao banheiro, o nono abre o apetite; o décimo ajuda na digestão; o décimo primeiro é para a pessoa fazer sexo à vontade, o décimo segundo ajuda o paciente a sorrir e também serve para confirmar que realmente a indústria farmacêutica tende a prosperar muito no século XXI.

Importa ressaltar, conforme Frankl (1973) que:

Hoje vivemos numa época de especialistas, e o que eles nos proporcionam são simples perspectivas particulares e aspectos da realidade. Defronte das árvores dos resultados da pesquisa, o pesquisador já não vê o bosque da realidade. Mas os resultados da pesquisa não são apenas particulares; são também dispersos, urgindo fundi-los numa imagem una do mundo e do homem (Frankl, 1973, p. 96).

Por isso, em pleno alvorecer do século XXI, cada vez mais as pessoas procuram de maneira desesperada por métodos alternativos de tratamentos das doenças, especialmente aqueles que lhes prometem alívio imediato. Por este motivo, a busca pelos procedimentos milagrosos de cura tornou-se tão comum nos nossos dias. As pessoas quando portadoras de moléstias orgânicas ou psíquicas tendem a buscar através da ingestão de remédios meios para amenizar seus males, o que muitas vezes só aumenta o problema, pois o paciente se torna um dependente químico de vários remédios que sempre trazem consigo efeitos colaterais que são desconhecidos pelos próprios fabricantes.

Observa-se que o quadro descrito anteriormente é a primeira opção que oferecida quando não se valoriza a vida psíquica, rejeitando-se a possibilidade de perceber que os pensamentos e sentimentos influenciam diretamente no metabolismo orgânico. Sendo assim, é importante perceber que a doença orgânica revela o que acontece no mais íntimo da mente. Em outras palavras, as mazelas orgânicas refletem os tormentos da alma.

A atitude de procurar no exterior soluções mágicas e milagrosas para os problemas e dificuldades, somente leva o ser humano a mais sofrimento, porque não é apenas o físico que padece, mas também o mundo interno, no qual o Criador colocou tanto afeto, bondade, beleza e verdade. Contudo, é justamente este mundo psíquico que é desprezado, atacado e rejeitado.

Keppe, ao explicar a origem das doenças que afligem o ser humano, mostra que a causa fundamental está na inveja, pois na inveja rejeita o bem e a felicidade, e quando consegue o mal (doenças, desemprego, falências, separações etc.), inicia uma

verdadeira guerra de acusações e queixas. No entanto, para ter saúde deve ser grato pela vida, mas como é muito invejoso dirige a inveja sempre às pessoas ou coisas que lhes são importantes e ataca a todo o momento bem que existe na vida. Ao agir assim, fica impossibilitado de usufruir o que mais necessita, isto é, do bem-estar e da felicidade que já existem no interior.

Para Keppe (2000), não existe um inconsciente patológico, como Freud mencionava em seus escritos, sendo a base a sexualidade do homem. O que existe realmente é uma tentativa patológica de esconder o que está em no campo de percepção, sem, contudo, conseguir sucesso com essa estratégia.

Cada ser humano se conhece melhor do que ninguém, mas não admite esse conhecimento, e esta recusa constante é que o afasta cada vez mais da consciência e, por conseguinte, começa a sofrer os sintomas, como: angústias, fobias, depressões, doenças orgânicas. Logo, toda sintomatologia é o resultado de uma inconscientização forçada. E graças à aceitação da consciência percebe que é daninho e destrutivo, porém, está acostumado a pensar que é a consciência, que o destrói, mas é o inverso, porque a negação à consciência: a censura, que é a causa de todo padecimento.

A patologia caracteriza-se pela luta que o homem empreende contra a realidade do seu interior, querendo impedir que os pensamentos se manifestem e os sentimentos apareçam. Por este motivo, não existe uma alienação propriamente dita, mas um ato para apagar a verdade que existe por si, e continuará para sempre pelos séculos e séculos sem fim, queiram ou não os seres humanos (KEPPE,1998, p.14).

A verdadeira medicina trata da psique, e o remédio mais eficaz e sem contra-indicações é a aceitação da consciência da própria patologia psíquica, que está inconscientizada em cada ser humano. Através do tratamento psicossomático, obtêm-se respostas muito mais satisfatórias para compreender por que o ser humano adoece. Por este motivo tudo que esconde de si é revelado no corpo a partir da somatização.

Ao comparar, aceitar e interiorizar o mundo externo dentro da vida psíquica, a calma surgirá, iniciando a cura das doenças. Portanto, a interiorização é o caminho da sanidade porque a pessoa interiorizada reverte o mecanismo de projeção e aceita ver em si os problemas que antes via só nos outros. Em outras palavras, “A principal consciência que temos de aceitar é a da psicopatologia; o que está certo, evidentemente, não nos incomoda – no entanto, o que falha tem de ser percebido, caso queiramos possuir algum equilíbrio” (KEPPE, 1998, p.166).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é o fim do discurso; tudo já foi ouvido: Teme a Deus, e guarda os seus mandamentos; porque isto é todo o dever do homem (Eclesiastes 12:13).

Neste trabalho constatei que a sociedade é fruto de um processo histórico que, ao longo dos séculos, passou por grandes mudanças paradigmáticas no campo da Ciência. A mudança de paradigma nunca é de imediato aceita pelos meios científicos, visto que as áreas de conhecimento fundamentam suas teorias numa determinada maneira de compreender o mundo, de tal forma que o paradigma estabelecido torna-se conservador e engessa o desenvolvimento da própria Ciência.

Por outro lado, é notório que a mudança de paradigma traz consigo uma nova consciência sobre um mesmo fenômeno devido às novas constatações. Por isso, ao construir um novo paradigma, a Ciência exige de seus representantes uma mudança, e uma ruptura de idéias, para que o novo paradigma possa se estabelecer.

Ao abordar Antiguidade, constatei que a visão mitológica era suficiente para entender e explicar os fenômenos da natureza. Neste período, Hesíodo e Homero estabeleceram suas bases para compreender o mundo real e o mundo sobrenatural.

No entanto, os mitos não conseguiram explicar o mundo, por isso, particularmente, na Grécia Antiga, a natureza passou a ser interpretada através de uma nova abordagem marcada pela busca da verdade através da razão. Desse período, três pensadores destacaram-se, a saber: Sócrates, Platão e Aristóteles, visto que as contribuições deles não se restringiram apenas àquela época, pelo contrário, foram retomadas por outros pensadores ao longo dos séculos.

Na Idade Média, houve o predomínio da fé sobre todas as coisas, de modo que o paradigma estabelecido, nesse período, esteve sob a égide de um conhecimento sujeito à fé e à crença. No entanto, com a decadência do feudalismo surgiu uma nova concepção de mundo que substituiu a visão de mundo imposta pela Igreja Católica. Nesta nova visão o homem passou a ser a preocupação central, e o teocentrismo foi substituído pelo antropocentrismo. Historicamente esse período ficou conhecido como Renascimento.

Foi a partir de Copérnico e Galileu que pensadores, como: Bacon, Descartes, Hobbes, Locke e Newton passaram a focalizar suas atenções às relações do homem com a natureza, contrapondo-se às preocupações das relações estabelecidas entre Deus e o homem que vigoraram durante a Idade Média.

A Idade Moderna foi marcada pelo paradigma científico newtoniano-cartesiano, que foi sustentado pela fragmentação e pela visão dualista do universo, por exemplo: mundo material X espiritual; corpo X mente; objetivo X subjetivo; ciência X religião.

A ciência está em constante estado de evolução e mudança de paradigma. E é esta mudança de paradigma que possibilita o desenvolvimento da própria ciência, por isso acredito que as contribuições de Keppe são originais e inovadoras porque ultrapassam a visão turva dos céticos que acreditam apenas no que os cinco sentidos lhes permitem perceber, muitas vezes de maneira restrita e deturpada pela própria psicopatologia, uma vez que um pensamento deturpado produz resultados de igual teor, por isso é importante perceber e aceitar que o ser humano é mais que seus instintos, reflexos ou complexos, mas principalmente o que ele não quer saber.

Não é por acaso que a sociedade que, ano após ano, está mais deteriorada e invertida, pois, além da própria psicopatologia, desde pequeno o ser humano é educado para supervalorizar o que lhe é secundário (dinheiro, sexo, comida) e desprezar o primordial (trabalho, amor, saúde), o que gera o agravamento dos aspectos sociopatológicos, tais como: miséria, fome, juros, guerras etc.

E enquanto a origem dos infortúnios não for responsabilidade de cada ser humano; mais distante estará a chance de resolvê-los, pois tanto os problemas sociais, como os individuais têm origem no mundo interior de cada indivíduo que, apesar de ter na essência a bondade, a verdade e a beleza, é regido principalmente pelas más-intenções que precisam ser conscientizadas, do contrário, o desenvolvimento tecnológico tornar-se-á obsoleto mediante tanta insensatez.

Além disso, constatei que Keppe utiliza a técnica dialética de interiorização, que consiste em o cliente conscientizar-se de que dentro de si existem os seguintes aspectos psicopatológicos: inveja, censura e projeção, que é a fonte de todas enfermidades psíquicas, orgânicas e sociais, bem como a verdadeira realidade que é boa, bela e verdadeira.

Ademais, entendi que a consciência é o resultado da dialética entre o sentimento (amor) e o pensamento (razão). Logo, consciência não é apenas o acúmulo de informações intelectuais, porque de nada adianta ter milhares de informações intelectuais e continuar fazendo o que é errado, como os doentes mentais graves que, apesar de saber o que é certo, vivem tomados pelo: ódio, raiva, inveja etc; o que revela ser a intelectualização um processo neurótico em que o indivíduo memoriza informações e não sabe usá-las, enquanto que a conscientização acalma e conduz a pessoa à sabedoria e à saúde.

No que tange o campo dos sentimentos, Keppe postula ser o amor o único sentimento verdadeiro, responsável pelo bem-estar psíquico e orgânico, bem como pelo desenvolvimento social do indivíduo, e quando este (o amor) é rejeitado, surgem a raiva e toda sorte de doenças psíquicas, orgânicas e sociais.

Aliás, o mal não tem essência, sendo o produto da negação ao bem, ou seja, ele só existe enquanto o ser humano estiver negando, alterando e deturpando o bem, a verdade e a bondade, recaindo sobre o próprio indivíduo a responsabilidade de tudo que lhe acontece.

Quanto à possibilidade de a verdade, a bondade e a beleza serem relativas, Keppe explica que devido à psicopatologia nossa compreensão e aceitação da realidade e de tudo que existe tornam-se relativas, porque devido à inveja a pessoa projeta no mundo exterior o que está em seu no interior, isto é, relativiza o que é absoluto e absolutiza o que é relativo, num processo constante de inversão.

Em outras palavras, a verdade, a bondade e a beleza, segundo este autor, não são relativas, mas o grau de aceitação destes elementos que é relativo, visto que todo ser humano é guiado principalmente por aquilo que não percebe em si: a inveja.

Keppe, em seu trabalho psicanalítico, acredita que o mal e todas as mazelas humanas surgem ao alterar, deturpar e omitir a verdade, a beleza e a bondade. Assim, propõe que o homem só é livre para fazer o bem, que é universal e está de acordo com a finalidade do Criador. Entretanto, devido à inveja e a inversão psíquica o homem destrói todas as maravilhas que lhe foram doadas desde o início dos tempos, precisando ser conscientizado deste fenômeno.

Por tudo isso, Keppe pode ser considerado o cientista que aborda o ser humano de maneira muito especial, principalmente quando desiste do dogmatismo freudiano e passa a ver o indivíduo sob um novo prisma que envolve não mais os complexos sexuais, mas principalmente considera essenciais para o tratamento psicoterapêutico: a vontade, a liberdade, o afeto, a fé, a filosofia de vida e as atitudes do cliente. Em poucas palavras, Keppe (2007) convoca o ser humano para uma reflexão:

Temos de admitir que no início vivíamos no paraíso com o Criador, e num dado momento passamos a aceitar as insinuações dos demônios trocando Deus por eles – continuando nessa situação até hoje. É por esse motivo que vamos adoecendo, até atingir a morte – mas o Criador envia sempre seus mensageiros (anjos, profetas, e até seu Filho) para tentar nos reconduzir ao verdadeiro caminho que é o bem, com a finalidade de um retorno à felicidade de sua companhia. Aqui entra a questão da escolha: até que ponto desejamos voltar ao bem, ou não? (KEPPE, 2007, p. 69).

Pelo exposto, a aceitação da consciência de que todo ser humano é responsável por tudo que vive é o caminho para maior transformação social. E mesmo que existam elementos sociais atenuantes e agravantes, a vontade é determinante no que tange a superação de todas as adversidades vividas.

É importante ressaltar que a *ciência tradicional é parcial* porque despreza o sentimento e a razão. Então, o novo paradigma proposto por Keppe é a *verdadeira ciência*, porque reconhece todos os aspectos da realidade, ou seja, da intuição e da razão, pois tudo o que os cientistas acreditam tirar da experimentação sensível vem primeiro em sua mente e de maneira não material.

Posto isso, abre-se, nesse sentido, a necessidade de pesquisas voltadas para a investigação das mais diversas contribuições que este novo paradigma científico tem legado a toda a humanidade, seja: na educação, na saúde, na filosofia, na física, na teologia, enfim, em todos os campos da existência humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERY, Maria A. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. São Paulo: EDUC, 2002.
- BRAGA, Marco; GUERRA, Andréia; REIS, José Cláudio. **Breve História da Ciência Moderna, v. 2**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.
- FRANKL, Viktor E. **Psicoterapia E Sentindo Da Vida**. São Paulo: Quadrante, 1973.
- GALILEI, Galileu. **Vida e Obra**. Tradução de Helda Barraco. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- KEPPE, Marc André R. **Vida e Obra de Norberto Keppe**. São Paulo: Proton, 1989.
- KEPPE, Norberto Rocha. **Teologia Trilógica**. São Paulo: Proton, 2009.
- _____. **O Reino Divino**. São Paulo: Proton, 2008.
- _____. **Bíblia Trilógica**. São Paulo: Proton, 2007.
- _____. **Terra, O Planeta Ilusório**. São Paulo: Proton, 2003.
- _____. **A Origem Da Sanidade**. São Paulo: Proton, 2001.
- _____. **A Libertação Pelo Conhecimento**. São Paulo: Proton, 2ª ed. 2001.
- _____. **A Origem Das Enfermidades**. São Paulo: Proton, 2000.
- _____. **O Homem Universal**. São Paulo: Proton, 1999.
- _____. **Metafísica Trilógica, v. 1**. São Paulo: Proton, 2ª ed. 1999.
- _____. **A Libertação**. São Paulo: Proton, 3ª ed. 1998.
- _____. **A Libertação Da Vontade**. São Paulo: Proton, 1992.
- _____. **Sociopatologia**. São Paulo: Próton, 1991.
- _____. **A Libertação Dos Povos**. São Paulo: Proton, 2ª ed. 1987.
- _____. **A Glorificação**. São Paulo: Proton, 2ª ed. 1987.
- _____. **O Reino Do Homem, v. 2**. São Paulo: Proton, 1983.
- _____. **Analytical Trilogy Or Integral Psychoanalysis**. São Paulo: Proton, 1981.
- _____. **A Consciência**. São Paulo: Proton, 1978.
- _____. **A Psicologia No Novo Mundo Que Surge**. Revista De Psicanálise Integral, São Paulo, ano III, nº 6, p. 45, 1980.

KEPPE, Suely Simula. **Educação Moderna: Formação Para Escravidão.** Revista De Psicanálise Integral, São Paulo, ano XXI, nº 30, p. 67, nov. 2004.

PACHECO, Cláudia B. S. **ABC Da Trilogia Analítica.** São Paulo: Proton, 6ª ed. 2003.

_____. **A Cura Pela Consciência.** São Paulo: Proton, 4ª ed. 2001.

_____. (Org.). **Stop A Destruição Do Mundo.** São Paulo: Proton, 1984.

_____. **A Trilogia Analítica Nas Universidades E Hospitais Da Europa.** Revista De Psicanálise Integral, São Paulo, ano IV, nº 7, p. 13, 1981.

REZENDE, Antonio. **Curso de Filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 5ª ed. 1992.

MORUS, Thomas. **A Utopia.** Rio de Janeiro: Ediouro, 21ª ed. 1991.

VERGES, André; HUISMAN, Denis. **História dos filósofos ilustrada pelos textos.** Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 6ª ed. 1984.